

MUNDO GRÁFICO



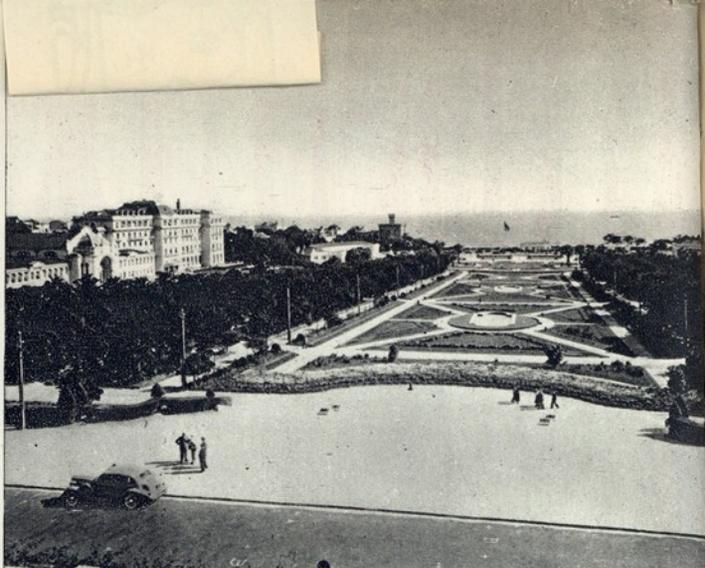
O zimbório
da Estrela,
altar de pedra
erguido ao céu
numa
oração de luz

E VIMOS A BUSCAR PARA QUE ACHEMOS
EM TI O REMEDIO CERTO QUE QUEREMOS

LUIZ DE CAMÕES



A sala de visitas do Estoril — Instalações da Junta de Turismo de Cascais no Parque Estoril — recentemente inauguradas



Aspecto do Parque Estoril, com as suas frondosas palmeiras e floridos canteiros, o centro de maior movimento da Costa do Sol

COSTA DO SOL

CARCAVELOS / ESTORIL / CASCAIS

CONCLUÍDA a nova estrada marginal Lisboa-Cascais valorizou-se, sensivelmente, a Costa do Sol, essa interessante série de lindas praias que constitui a nossa mais importante zona turística e que de há muito goza de manifesta preferência de nacionais e estrangeiros.

E porquê essa preferência?...

— Pelas excepcionais condições do seu clima, sem favor o mais estável e temperado da Europa, traduzido nas sugestivas médias, oficialmente controladas, de 21° centígrados no Verão, 18° no Outono, 15° na Primavera e 12° no Inverno.

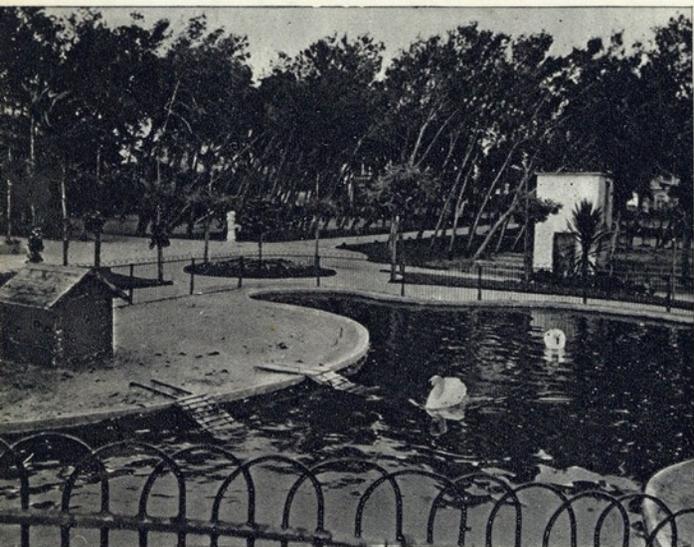
— Porque se encontra a dois passos da capital, servida pela única via férrea eléctrica do País, com numerosos comboios diários, rápidos e cómodos, pela magnífica estrada marginal e dentro em pouco pela auto-estrada, já em adiantada construção.

— Porque dispõe de jardins, alguns parques, um bom museu, vários hotéis, alguns mesmo de luxo, e pensões, proporcionando ainda aos seus frequentadores as distrações e divertimentos que um centro desta categoria exige.

E, é por isto mesmo que a Costa do Sol se tornou o local escolhido pelos nacionais para passarem o verão, para os seus passeios de fim de semana, durante todo o ano, e também o preferido pelos estrangeiros, principalmente no Inverno.



Museu Municipal Conde Castro Guimarães, que encerra verdadeiras maravilhas, legado pelo seu falecido proprietário à Vila de Cascais



Um trecho interessante do Parque Morais, na Parede, que hoje pertence à Câmara Municipal



A bata de Cascais, vendo-se ao fundo a Cidadela, hoje residência do Ilustre Chefe do Estado

SUMÁRIO

- CRÔNICA INTERNACIONAL, por «O Observador». LORD HALIFAX, biografia.
BIG BEN, CORAÇÃO DO IMPÉRIO, por Herbert Dawson.
GRÉCIA ETERNA, pelo dr. João de Barros.
O RISCO DOS QUE TRABALHAM, por Fernando Calixto.
AS PRINCESAS DE INGLATERRA E UM AUTÓGRAFO HISTÓRICO, página gráfica.
A FORMOSA ARTE DOS PRESEÍOS PORTUGUESES, por Diogo de Macedo.
O DOMÍNIO DO AR, página gráfica.
O JARDIM DE ALLAH
(fotografias de Gerald Sharp).
O PRIMEIRO TRADUTOR PORTUGUÊS DE SHAKESPEARE, pelo dr. Jorge de Faria.
DUPLA PÁGINA COM FOTOGRAFIAS INÉDITAS DA GUERRA.
NASCEU JESUS!
FIGURAS E FACTOS, actualidades portuguesas.
HISTÓRIA DE UMA CONDECORAÇÃO.
A MULHER NA GUERRA, página gráfica.
CINEMA.
O FUTEBOL NÃO É UM JOGO BRUTAL, por Fernandes de Oliveira.
COSTUREIRINHAS DE LISBOA, por S. Q.
ALFAMA PRINCESA DO MAR
(fotografias do professor Campos Coelho).
PÁGINA FEMININA, por Aurora Jardim.
UM PAR DE LUVAS, novela de Luiz Forjaz Trigueiros.
A HERANÇA DO MEU TIO RICO, crônica alegre de Marçal Saldanha.
A DESCOBERTA DA CIRCULAÇÃO SANGÜÍNEA, pelo dr. Amilcar Moura.

CAPA de J. Lobo



TEMPO
é dinheiro!..

Faça do
ETERNA
o seu companheiro
fiel que garante a
pontualidade em todos os
atos de sua vida.

**NAS BÔAS RELOJOARIAS
E OURIVESARIAS**

LUBRIFICAÇÃO
ESPECIALIZADA



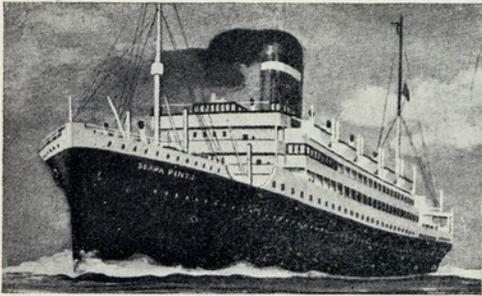
MOTOR

O motor moderno é uma máquina de precisão que exige uma lubrificação muito cuidada com óleos de grande poder lubrificante e de estabilidade suficiente para resistirem sem se alterarem às elevadas temperaturas dos cilindros.

MOBILLOIL, o óleo 100 % puro, satisfaz integralmente a estas exigências desde que seja aplicado de forma racional, que é a indicada na Tabela de Recomendações Mobiloil e a seguida em tôdas as Estações de Serviço MOBILLOIL-VACUUM.

SERVIÇO MOBILLOIL-VACUUM

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

O LUXUOSO PAQUETE "SERPÁ PINTO"

PAQUETES	VAPORES DE CARGA
«Serpá Pinto» 8.267 T	«Cassequel» 7.300 T.
«Mouzinho» 8.374 <	«Ganda» 6.770 <
«Colonial» 8.309 <	«Pungue» 6.290 <
«João Belo» 7.540 <	«Malange» 5.050 <
«Guiné» 3.200 <	«Lobito» 4.200 <
	«Sena» 1.420 <

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez
Vinhos do Porto

Tio Pepe }
Amorosa }
A. B. } **Jerez**
Nectar }
Solera 1847 }

3 Copas }
Soberano } **Aguardentes**
Insuperable } **Jerezanas**

Superior Tawny }
Special Tawny } **Vinhos do Porto**
Port in Sight }
«54 Port.» }

Depositários:

GARLAND, LADLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)

WILLIAM HARVEY

O médico que descobriu a circulação sanguínea

● No campo da Medicina têm ocorrido os casos mais extraordinários. Um deles é o que se verificou no capítulo da circulação sanguínea. Tudo se relata, porém, em poucas linhas.

Os antigos não distinguiam as artérias das veias e não faziam a mínima idéia da circulação sanguínea. Aristotele acreditava que o ar penetrava directamente nas artérias e Gallieue julgava ser o fígado o centro gerador do sangue. Hoje, conhece-se, nos seus mínimos pormenores, essa maravilhosa função do organismo, em consequência da qual o sangue que vem carregado de impurezas dos mais variados órgãos, é limpo e vitalizado nos pulmões. Daí volta ao coração donde partirá de novo a irrigar os diferentes tecidos e a animar tôdas as manifestações vitais. Foi William Harvey famoso médico inglês, nascido em 1578, em Folkestone, que teve o mérito de ser o descobridor da circulação sanguínea. Em 1615, Harvey foi encarregado de reger um curso de anatomia e cirurgia no Colégio Real, funções de que se desempenhou com extrema proficiência. Inteligente e culto, trabalhador incansável e profundo investigador, o célebre médico britânico estudou as observações de Michel Servet que tinha já descrito a circulação pulmonar e as de Colombo e Vésale. Este último verificara que a parte direita do coração é independente da esquerda e que, entre elas, não existia qualquer comunicação. Também Arauzi tinha observado, antes de Harvey, a chegada ao cora-

ção do sangue das veias pulmonares e da cava inferior. Mas cabe ao clínico inglês, a William Harvey, a glória irrefutável de ter sido o genial concatenador de todos esses factos dispersos. Conseguiu o seu poder intuitivo, a sua acusada observação e o seu poderoso espírito analítico. E, assim, em 1628, êle publicara a descoberta que o immortalizou numa obra intitulada «Exercitatio anatomica de moto cordis et sanguines in animalibus». Como todos os sábios e todos os inventores, Harvey teve muitos detractores. Uns riram-se da sua descoberta; outros acoiaram-no de sonhador e poucos o acreditaram. Mas já para o fim dos seus dias, teve a suprema consolação de ver consagrado o seu trabalho por tôdas as grandes sumidades da Europa.

William Harvey que foi médico particular dos monarcas ingleses Jorge I e Carlos I, morreu em Lambeth em 1657.

Na descoberta de Harvey funda-se tôda a teurapeutico moderna e a maior parte das evocações da fisiologia actual. Sem o concurso da sua inteligência e do seu labor, a Medicina de hoje seria ainda uma ciência atrozada. Seria impossível conceber as terapeuticas que modernamente se empregam e os subtilísimos processos de diagnóstico utilizados pelos médicos. A descoberta de Harvey marcou, com elleito, uma época inteiramente nova na Medicina de todos os tempos.

AMILCAR MOURA

O Interior da Terra é gasoso?

Segundo uma definição do professor Louis Houlléviue, um corpo fluído é aquele cujos elementos podem deslocar-se uns em contacto com os outros de maneira a tomarem, em cada instante, a figura de equilibrio determinada pelas forças que actuam.

Considerando a forma geral da terra — um elipsóide de revolução em torno do eixo polar — não pode duvidar-se que o nosso Globo não fôsse fluído em épocas remotas. Isso não prova, todavia, que o seja actualmente.

Na verdade, existe apenas uma prova da fluidez actual da Terra, mas essa prova é decisiva: — a existência do que se chama «marés da crosta» para distingui-las das marés oceánicas. A massa sólida envolvente transmite, em consequência da sua elasticidade, os

movimentos da massa fluída interna, como a caixa metálica de um barómetro aneroide as variações da pressão interior. Resta saber, no entanto, se a massa fluída é líquida ou gasosa. Apurou-se que nenhum corpo conhecido pode manter o estado líquido acima de 8.000 graus centígrados. Ainda que não se disponha de qualquer processo de medir exactamente a temperatura do centro da Terra, todas as observações astronómicas relativas aos outros astros do sistema solar estão de acôrdo em que ela ultrapassa grandemente aquele valor crítico. Assim, a crosta terrestre cobriria como uma fina película, um gás a elevadíssima temperatura, submetido a pressões formidáveis, que adquiriu, por isso, propriedades semelhantes às que os sólidos possuem e regidez idêntica à do aço.



PROBLEMA N.º 5

HORIZONTALIS

- 1 — Bacanal; casamento.
- 2 — Vigoroso.
- 3 — Chão da chaminé; almirante inglês que, em 21 de Junho de 1704, conquistou Gibraltar; una
- 4 — Justapor; gavinhas.
- 5 — Rezo; pronunciar as palavras escritas.
- 6 — Língua que outrora se falava ao Sul do Loire, em França; compaixão; presença; prep. e art.
- 7 — Único; a milha percorrida pelo navio; prep. e art.; esquadão.
- 8 — coloca; epideme.
- 9 — Maria, em inglês; ribomba.
- 10 — Larva que se cria nas feridas dos animais; almirante inglês que Oliver Cromwell mandou castigar os piratas de Argel, o que fez tornar conhecida no mundo, pela primeira vez a armada inglesa; além
- 11 — Assinae
- 12 — Ligam; corpo celeste

VERTICAIS

- 1 — Cercadura; art. (pl.); calada
- 2 — Suprimir letras ou sílabas no fim das palavras
- 3 — Grande quantidade; agora
- 4 — Prep. de navegação; almirante britânico que, com a sua esquadra, forçou o cerco de Gibraltar, organizado pela Espanha, em 1779; oferece.

- 5 — Do ar (prep.); dormir; felicidade
- 6 — Nome duma letra grega; consoantes de «Sul».
- 7 — Antepassados; lugar de embarque e desembarque nas margens dos rios.
- 8 — Duas letras que traduzem o calão inglês de «allcorrects»; abrev. de «kilograma».
- 9 — Empregue; caminhe; intrej. design. de espanto, alegria, etc.
- 10 — Laço apertado; general inglês que suportou o cerco de Gibraltar durante três anos e sete meses, imposto pelos espanhóis; ort. (pl.)
- 11 — Ice — época.
- 12 — Girassol
- 13 — Cânticos; arraial; planta de aplicações culinárias.



Solução do Problema n.º 4



As estátuas são os braços das cidades. As suas colunas de tradição, os monumentos de glória. Na pedra e no mármore escreve-se a história dos povos e das nações, e talham-se os símbolos de vida imortal. Pegaso, o cavalo alado, domina a grande metrópole numa expressão de força e de nobreza. As suas azas como que ascendem no espaço dominando-o num fermito triunfal.

JAMES RAWES & C.^A

Agentes da

ROYAL MAIL LINES, Ltd.

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS

NORWICH UNION FIRE INSURANCE SOC. Ltd.

Telegramas RAWES Lisbon
Telef. 23232, 3, 4

Rua Bernardino Costa 47, 1.º

L I S B O A

MUNDO GRAFICO

Revista de actualidades nacionais e internacionais

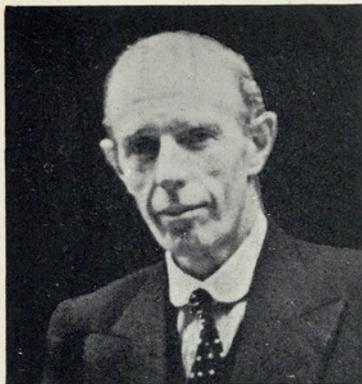
ASSINATURAS

12 números 18\$00

24 números 36\$00

Pedidos à Administração :

Rua de S. Nicolau, 119-3.º Telef. 25240 LISBOA



LORD HALIFAX

É a própria Inglaterra que este homem simboliza.

Fixai-lhe a face seca e angulosa, rudemente cortada por sulcos profundos de rara energia, a contrastar com a fronte desmesuradamente alta e serena. Dir-se-ia desarmónico o conjunto da sua máscara inconfundível, onde a matéria e o espirito parecem divididos por uma barreira de incompatibilidade feroz. Primitivo o rosto; cintilante a testa espaçosa e calma. E, afinal, onde uma linha intransponível como que divide dois hemisférios, os olhos doces e sonhadores, simultaneamente energicos e serenos, perseguidores e irónicos, tudo harmonizam. Puritano intelectual e, a seu modo, filósofo, Halifax representa a intelligencia inglesa.

Quem desconhece as características dessa raça magnífica que a História nos ensinou a admirar? Pois encontrá-las-eis traduzidas no seu corpo esguio de traço aparentemente descuidado, quasi que fantástico sob o jaquetão talhado militarmente. No feitiço conservador dos velhos «storis» — a tradição.

Lord Halifax nasceu em 16 de Abril de 1881. Educado em Eton, as relações de familia levaram-no muito cedo à vida politica, tendo-se filiado no partido Conservador. Em 1910 foi, pela primeira vez, eleito deputado por Yorkshire. Quando a Grande Guerra eclodiu, foi incorporado no regimento de dragões daquele condado e alcançou o posto de major. Depois, regressou à pátria e à politica. Foi novamente eleito deputado e entrou para o Governo como subsecretário de Estado das Colónias. No gabinete Baldwin ocupou os cargos de ministro da Educação e da Agricultura e, em 1925, foi nomeado vice-rei da India e feito Lord Irwin. Ficou célebre a sua conferencia com Ghandi. A certa altura os dois discutiam doutrinas religiosas — Deus e Vichnu.

Seis anos depois, já Visconde de Halifax, regressou a Inglaterra e, até 1937, ocupou os lugares de ministro da Guerra, Lord do Selo Privado e Lord Presidente do Conselho. Em 25 de Fevereiro do ano seguinte substituiu Anthony Eden na pasta dos Estrangeiros, tendo acompanhado sempre todas as tentativas de apasiguamento de Chamberlain.

Mas, uma vez malogrados os esforços, revelou-se partidário da resistência à «entrances politica de agressão».

A campanha da Grécia

No dia 28 de Outubro, pela madrugada, as tropas italianas invadiram a Grécia. Um ultimato entregue, poucas horas antes, pelo representante da Itália em Atenas, fora regeitado pelo governo do general Metaxas. A Grécia mobilizou. A Gran-Bretanha assegurou que executaria, até ao limite das suas possibilidades actuais, os compromissos que resultavam da garantia dada em abril de 1939.

Os gregos repeliram a invasão. Depois penetraram em território albanês e apoderaram-se de algumas povoações de importância politica e militar: Koritzza, Podagretz, Premeti, Santi Quaranta, Argirocastro. O sul do Albania caiu em seu poder; no norte estabeleceram contacto com a região fronteira da Yugo Esclavia; na centro ameaçam El-basan.

O Primeiro Ministro da Gran-Bretanha prometeu que o seu país ajudaria a Grécia na defesa da sua independencia e dos seus direitos de soberania. Como se efectivou essa ajuda? Pelo envio de importantes quantidades de material de guerra (espingardas, metralhadoras, canhões, carros de combate, artilharia anti-aérea), pela acção da R. A. F. e pela colaboração da esquadra britânica. Sem isso, a resistencia grega seria impossível.

No plano da guerra europeia, em que está envolvida com o Reich e a Itália, que vantagens alcançou a Gran-Bretanha com o deflagrar inesperado do conflito italo-grego? As suas bases maritimas e aéreas aproximaram-se de um dos países inimigos. Em Creta e em Corfu desembarcaram, rapidamente, importantes contingentes britânicos. Assim o rosário de posições fortificadas que assegura, entre Gibraltar e o Suez, o predomínio inglês no Mediterraneo, acrescentou-se de alguns postos de indiscutível importância. Os aviões e os submarinos vindos de Creta tornam difíceis as rotas marítimas que ligam o sul da Itália às costas da Líbia. A aviação de bombardeamento que sai das bases instaladas na Grécia atinge, com rapidez e eficácia, os portos do litoral italiano no Adriatico. Instalados em Corfu, os ingleses podem fazer operações de desembarque na Albania.

Examinando as posições e as possibilidades dos contendores no norte de Africa e no Mediterraneo oriental, Lucien Romier concluía, há pouco, que tardando a ofensiva de Graziani e não se dando no mar qualquer batalha decisiva, a ala esquerda do dispositivo italiano se deslocaria irresistivelmente para a península grega e se propagaria aos arquipelagos que a rodeiam. A tenaz italiana estenderia um dos braços pela Grécia e pelo Dodecaneso, o outro pela Líbia e pelo Egipto. Alexandria e o Suez seriam duas presas no dia em que a tenaz se apertasse.

A sorte da guerra no Mediterraneo ficava à mercê da resposta que os acontecimentos dessem a estas perguntas: A campanha da Grécia, obrigando os ingleses a distrair uma parte dos seus efectivos concentrados no Próximo Oriente permitiria a Graziani desencadear a sua ofensiva? Inversamente os ingleses, utilizando as possibilidades dos gregos em efectivos poderiam, com o seu auxilio em material, prolongar uma campanha destinada a fixar no continente forças italianas numerosas?

Até este momento a resposta favorável à segunda pergunta decidiu da marcha dos acontecimentos. Os ingleses auxiliaram a Grecia, instalaram-se nas ilhas, reduziram o potencial naval do adversário e tomaram a iniciativa no Egipto. A primeira mão da partida liquidou-se com sufficiente nitidez para não deixar duvidas sobre as suas consequencias.

O Observador

Natal



Já despontou, no céu, a estrela chamejante de luz, que guia os três reis magos à humilde arrabana de Belem. Gaspar, Belchior e Baltazar, como que

voltaram ao mundo, neste triste ano de 1940, procurando de novo essa mensagem divina de graça e de amor que, humanamente, encarnou no doce filho de Maria. O caminho agora parecerá mais longo e a estrela mais distante. Há rios em fogos, homens em armas, e as tabuás de lei, cravejadas de metralha, parecem irrecorríveis. Não importa! Sobre a noite trágica da Europa, a luz há-de renascer. Onde quer que estejais, pobres, exilados, desenraizados da vossa creença, entre ruínas e cinzas mutilados, chorando os mortos ou rezando pelos vivos, no mar, no céu e na terra, nas trincheiras do bom combate, ou nas catedrais eternas, onde a justiça e a verdade ascendem em prece até Deus-Jesus é vosso, está convosco, assim como as vossas almas estão com ele! Corações ao alto! Ao divino berço, Jesus sorri, que, nas suas mãos tamanhas, a bola do mundo, rola sempre, imagem e simbolo eterno do seu destino!

O pão e as rosas

Numa obra simpática, cautelosa e discreta, o Secretariado da Propaganda Nacional está transformando os hotéis e pensões do país. A sua frieza, à sua uniformidade, ao seu mau gosto, ao seu cosmopolitismo, opõe-lhes o ambiente, o carácter, a ternura do lar português. Desaparecem os velhos espelhos, as tarlatanas que envolviam os candieiros, os móveis pesados e canhestros, dando lugar a um arranjo simples, amável, confortável, tocado aqui e ali por uma nota pitoresca de etnografia espiritual. Numa palavra: o pão e as rosas da tradicional hospitalidade portuguesa.

Real Força Aérea



Depois da "Armadada Real Britânica", o nosso illustre colaborador Mauricio de Oliveira, jornalista dos mais brilhantes,

organizou um novo album, agora, sobre a "Real Força Aérea", editado pela Parceria António Maria Pereira. Não era possível um documentário que melhor nos evidenciasse, quer pela imagem, sempre sugestiva — cerca de oitenta gravuras — quer pela legenda, em que são dadas as principais características dos aparelhos ao serviço das forças aéreas da Gran-Bretanha, o extraordinário poder do Exército do Ar inglês.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^{da}

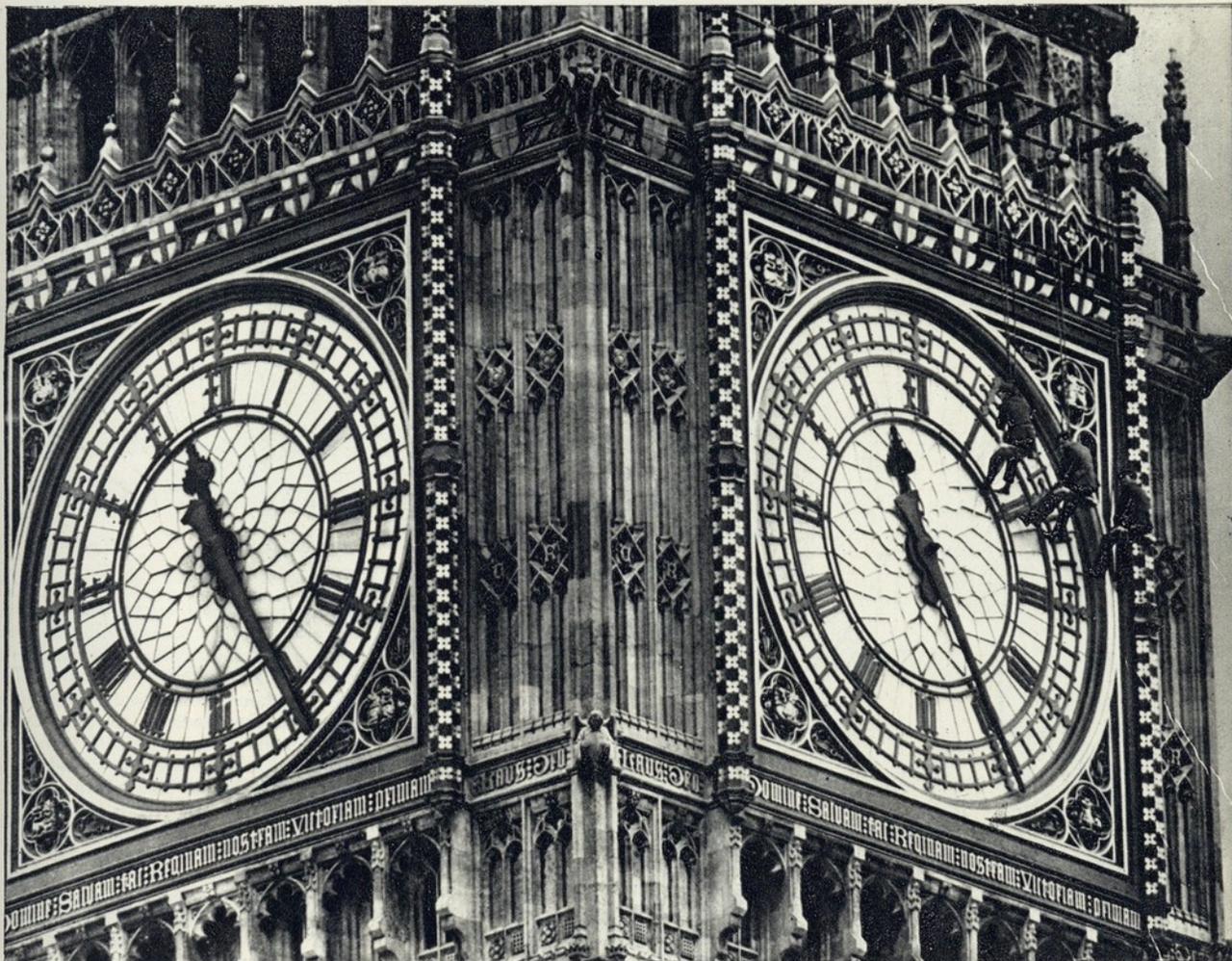
Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O BIG BEN, O MAIS FAMOSO RELÓGIO DO MUNDO, TÃO GRANDE QUE OS HOMENS SÃO MAIS PEQUENOS QUE O TRAÇO DOS MINUTOS

O CORAÇÃO DO IMPÉRIO

Aos milhões de ouvintes da rádio de todo o mundo, o famoso relógio com as suas badaladas diz-nos todos os dias:

“Daqui fala a Inglaterra; a Inglaterra deseja-vos uma boa noite!,”

O nome de uma nação evoca-nos, quasi sempre, uma imagem, ainda que nunca a tenhamos visitado. Tanto pode ser um edificio característico, como um monumento célebre, uma figura típica, uma paisagem inconfundível, revelados por qualquer que seja o elemento de divulgação — a fotografia, a arte, a literatura, o cinema. Para mim, como canadiano, tudo quanto a Gran-Bretanha traduz se condensa nas Câmaras dos Comuns e dos Lords, em Westminster, e, especialmente, na magestosa torre do Big Ben — o relógio mais célebre do Mundo.

Este relógio não é apenas o ponto de referência mais famoso de Londres: — representa a própria voz da Inglaterra.

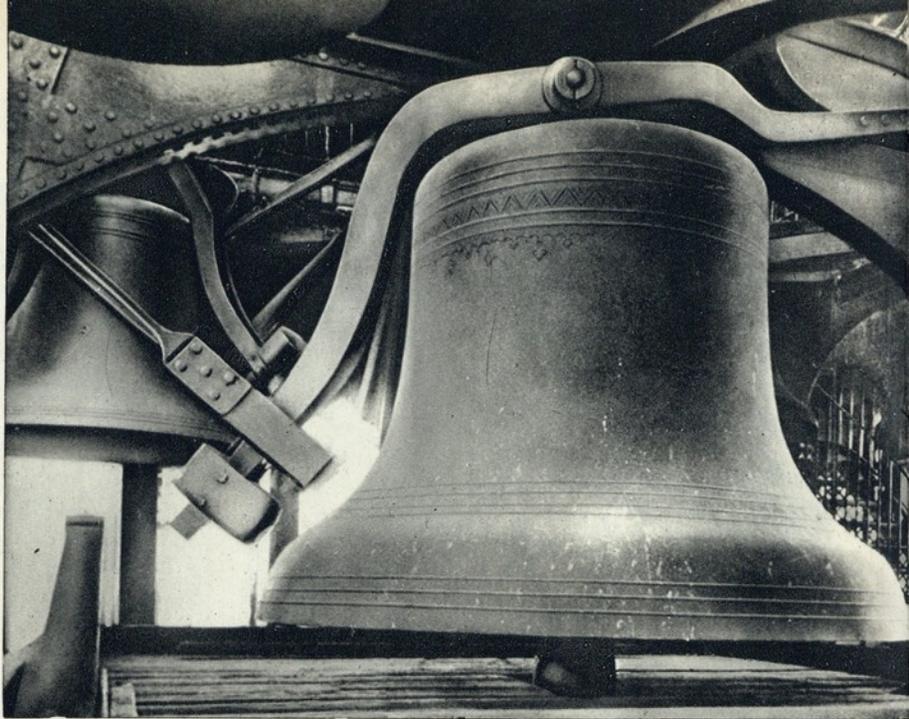
Utilizado como “sinal,” da B. B. C., a gravidade metálica das badaladas do seu gigantesco sino, que pesa treze toneladas, tem sido escutada em todo o mundo. Aos milhões de ouvintes da Rádio de todos os países, o Big Ben envia, diariamente, esta mensagem: “Daqui fala a Inglaterra; a Inglaterra deseja-vos uma boa noite.”

O Big Ben perpetua o nome de Sir Benjamin Hall, ministro britânico das Obras Públicas, durante a construção do actual Parlamento. O antigo palácio de Westminster havia sido destruído por um incêndio, em 1834, e, durante seis anos, discutiram-se os planos da sua reconstrução. Foram escolhidos os projectos apresenta-

dos por Sir Charles Barry, conhecido já pelas suas plantas dos melhores clubs de Londres. A primeira pedra foi colocada em 1840, concluindo-se as obras dezassete anos mais tarde. A única parte que escapara às chamas fora Westminster Hall, mandado edificar por Guilherme II, em 1097. Durante oito séculos, Westminster presenciou muitas das glórias e das tragédias da História da Gran-Bretanha. Ali ofereceu Ricardo II uma festa de Natal a dez mil dos seus súbditos; ali foi julgado e sentenciado à morte, perante os juizes parlamentares, Carlos I. Também lá, Oliver Cromwell, o grande inimigo de Carlos I, foi proclamado “Lord Protector de Inglaterra,” — o único ditador britânico —



A torre do Parlamento, com o seu famoso relógio, que há um século marca, pontualmente, as horas do Império Inglês



É neste sino, que pesa treze mil quilos, que o Big Ben dá as suas badaladas

onde mais tarde a sua cabeça foi exibida, quando Carlos II conquistou, de novo, o trono de seu pai. Em Westminster reuniram-se, pela primeira vez, os estadistas dos Domínios britânicos que planearam a actual Comunidade de Nações. A cerimónia mais recente realizada no histórico edifício foi a recepção ao Presidente Lebrun, quando da sua visita à capital inglesa.

O Big Ben, cuja torre tem 54,86 metros de altura acima do antigo palácio, tem fama de ser o relógio que dá as horas mais certas em todo o Mundo. Duas vezes por dia, recebe os sinais horários do Real Observatório de Greenwich, apesar dos anos terem decorrido sem necessidade de qualquer alteração, a não ser as anuais mudanças da hora, obtidas com o ponteiro dos minutos, que mede 4,2 metros.

A conservação do magnífico relógio está a cargo dos seus construtores — uns dos mais antigos fabricantes de relojoaria — sob a superintendência geral do Ministério das Obras Públicas. Dão-lhe corda três vezes por semana com auxílio de um motor eléctrico, e não é difícil imaginar a consternação dos habitantes de Londres se, algum dia, por qualquer motivo, faltasse a corda ao Big Ben...

Cada uma das quatro faces do Big Ben tem 6,9 metros de diâmetro e os números que indicam as horas medem 2,4 metros. Está calculado que a extremidade do ponteiro dos minutos percorre cerca de cem milhas por ano.

Há aproximadamente um século que o monumental relógio — que custou vinte mil libras — foi instalado em Westminster, assistindo à transformação de muitos Parlamentos. Apesar disso, ele traduz sempre a velha frase-franco normanda de onde a palavra deriva — “parler le ment,” — falar como se pensa. À sombra do Big Ben, a Câmara dos Comuns da Grã-Bretanha ainda diz o que pensa.

Herbert Dawson

GRÉCIA ETERNA

POR *João de Barros*

O prodigioso heroísmo dos gregos, defendendo entusiasticamente a Pátria invadida, expulsando os invasores e levando a guerra ao país governado e dominado pelos seus inimigos, não me surpreendeu, nem me podia surpreender. As virtudes cívicas desse povo ressurgido, que eu de perto observara alguns anos atrás, anunciavam e pressagiavam a coragem, o sangue-frio e a decisão de que êle está dando provas excepcionais. Vivia então a Grécia um momento de cotidiana exaltação política. Sentia-se no ar o sôpro de inquietação e de revolta. Mas o que mais e melhor se adivinhava, se hauria, se respirava naquele ambiente feliz, vibrante de criadora energia, era a fecunda aniedade duma grei desejosa de igualar-se aos nobres e altivos helenos do Passado — aos marinheiros de Salamina, aos soldados de Maratona, aos combatentes de Esparta, e, também, aos artistas, aos escritores, aos sábios, aos filósofos dos séculos de Pericles, de Anaxágoras, de Fídias, de Platão, de Píndaro e de Tucídes. Nunca, a não ser em nações moças como o Brasil, recolhi um tal bafejo, um hálito tão veemente e tão jovem de espirito construtivo, quer na remodelação material das cidades e das províncias, quer no ímpeto de trabalho e na ressurreição intelectual da mentalidade das classes dirigentes. Políticos e poetas, pintores e escultores, arqueólogos, architectos e sociólogos, uma só ideia, um só pensamento

os conduzia e guiava: — restituir à Grécia de hoje o prestígio, o esplendor e a autoridade universal da Grécia antiga.

Verificam-se, demonstram-se agora as consequências, os resultados desse movimento de almas. Dir-se-ia que ficaram abolidos de vez os tempos de escravidão, em que a Helade sofreu o jugo feroz dos seus ambiciosos conquistadores, e que ao lado dos heróis modernos lutam e vencem os heróis imortais doutro tempo. E ainda é obedecer a uma tradição, embora a uma tradição recente, a actual fraternidade anglo-grega: — o culto de Byron e a lembrança de Navarino não se apagam da memória daquela gente, fiel à sua grandeza de mestres da Europa civilizada. Ao descer em Parras logo me apontaram a altura fraterna de Missolonghi e me evocaram o autor do *Child Harol*, arauto e apóstolo do futuro da Grécia. E na voz que o evocava havia a mesma ternura e a mesma devoção que merecem e suscitam a austera e pura beleza do Partenon, a vitória alada de Peónios e o Dionisus que sorri, harmonioso e branco, no pequeno museu de Olimpia...

A História ensina que a Helade morreu e renasceu. Prefiro afirmar que ela se perdeu e se encontrou de novo, na consciência exacta do que a si-própria devia. Maravilhados, assistimos a essa espécie de re-encarnação — perfeito milagre dum povo atento aos apelos secretos do seu eterno e glorioso destino.

O RISCO dos que Trabalham

Heroicos e ignorados em todas as capitais do Mundo, centenas de homens ganham a Vida desafiando a Morte. Mais ágil do que um gato, o guarda-fios "marinha", pelo poste telefónico e, a vinte ou a trinta metros do solo, pacientemente, com os músculos contraídos em esforço penoso, durante horas, repara a linha. Uma simples caimbra, aquela dorzinha aguda, importuna, a que tu chamas "mau jeito", e que tens para abrandá-la mil e uma poimadas, constitui para o guarda-fios, a trinta metros do solo, esta coisa banal e grandiosa: a Morte.

Ontem, os teus dedos desageitados, ao segurarem um prego, receberam uma martelada... Horror!... Por uma escada de madeira que se ata numa outra por duas cordas enlaçadas e numa outra ainda, até alcançarem um sexto andar, o servente de pedreiro transporta um cesto de argamassa com trinta quilos. Uma "tontura", que te causa apreensões e cura-se rapidamente com uma aspirina, custa ao servente de pedreiro, a tal "tontura", na melhor das hipóteses, alguns meses de hospital...

—É um escândalo! A teu lado, paredes meias com a tua bonita casa, há esta coisa estúpida e lamentável: uma tuberculosa! O recéio, o temor justificadíssimos de que os teus meídos se contagem, trazem-te, ó adorável mulher, louvavelmente aflicta... Centenas de enfermeiras, com filhos pequeninos, tratam e cuidam de centenas de tuberculosos...

O comboio demorou... Avarias. As eternas avarias. Não blasfemas porque não sabes, ó pálida e delicada mulher! No final chegaste dez minutos mais tarde a casa. —... Entre dois wagons de mercadorias, correndo em cada minuto da tua impaciência, sessenta probalidades de ser esmagado, um homem faze e desfaz ligações... Compreendes... Se o rodado do comboio deslisa uns metros... Pode acontecer... Se o engate saltou... Não te importes... No outro dia, em seis linhas, qualquer jornal dá a notícia. Numa casa asseada, o "limpa-chaminés", é uma coisa amaldiçoada. Sujam tudo. Para que te cause tanta arrelia o "limpa-chaminés", andou amarrado pelos rins com uma corda, que fere como cilleios, por telhados escorregadios com limosidades traiçoeiras... Aquêlé cêgo pedinchão... Foi um operário alegre... Mas foi há tanto tempo!... Antes de ir trabalhar na pedreira... Sabes o resto... E eu também.

Fernando Calixto



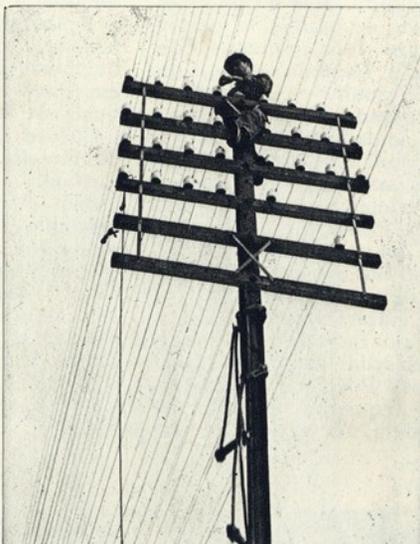
Habitou-se há muito. A velocidade não o perturba. E, a-pesar-disso, um pé em falso e...



Talvez nem saiba nadar. No vai e vem contínuo da descarga, já não pensa no perigo



Os pratos dos para-choques comprimiram-se sob a acção de muitas toneladas que se chocam. Dentro das carruagens todos estremeceram. «Ele» ficou impassível a cumprir os deveres do seu ofício.



Pernas enganchadas nas transversais do poste, o guarda fios desdenha da altura



Vertigem! A sessenta metros do solo, sobre a fragilidade do andaime o pedreiro desafia a morte



A princesa Isabel, futura rainha da Inglaterra, falando ao microfone da B. B. C., junto da sua irmã, a princesa Margareth



Uma assinatura histórica Churchill. Numa das suas visitas aos bairros pobres, dá o seu autógrafa a uma pequena admiradora



A FORMOSA ARTE DOS PRESÉPIOS PORTUGUESES

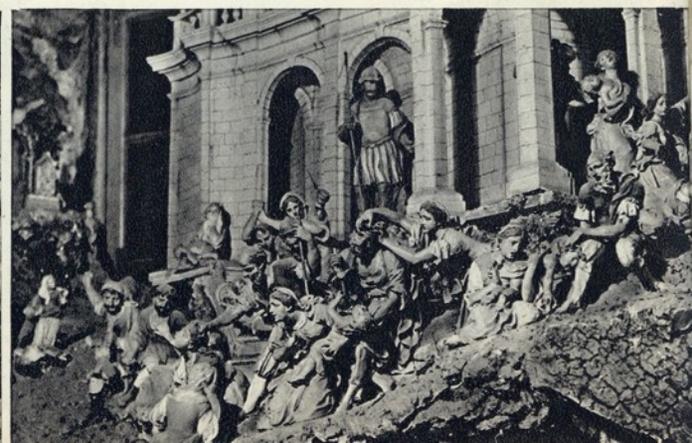
por Diogo de Macedo

A Academia Nacional de Belas Artes organizou há dois anos uma das suas mais belas e originais exposições, na Capela das Albertas, anexa ao Museu das Janelas Verdes. Foi a "Exposição dos Barristas Portugueses," na sua maioria composta por presépios e figurinhas dispersas, alusivas á santa festa do Natal. Porque propositadamente a data desta festa fôra escolhida para aquela exhibição de arte, o musicógrafo Sampayo Ribeiro prontificou-se para no seio dela, organizar um encantador serão musical, com vilancios religiosos e cantares populares referentes ao Nascimento do Deus Menino. Ora, nessas alturas, aquela Academia anunciou que iria abrir-se um concurso entre os artistas e os devotos coroplastas portugueses, á maneira da tradição provençal, para a criação de novos presépios, com o espirito do nosso tempo, mas dentro das tradicionais inspirações da Igreja e dos presépiistas insignes do sec. XVIII. Sabemos que alguns dos artistas mais modernos, de Portugal, estudaram logo o assunto e deitaram fé e mãos á obra maravilhosa de invenção, aguardando as horas daquele concurso de tão simpática protecção. Um deles, inquieto pela demora, lançou no mercado as melhores peças da sua lavra, que hoje, com os grupos de gôsto popular, ressurgidas pelos bonequeiros de Extremoz e de Gaia, são os únicos presépios acessíveis para as festas do Menino Jesus, cá na cidade e nas aldeias da província. Felizes aquêles que possuem maquetinas antigas — e Portugal ainda está cheio delas, a-pesar do saque criminoso de brique-à-braquistas nacionais e estrangeiros —, para motivo das sacras alegrias do Natal! Isto não impede que ao nosso conhecimento

não cheguem noticias de mais vendas e leilões desastrosos. A êste propósito, recordamos um anúncio publicado há meses no periódico "Ordem Nova," de Vila Real de Traz-os-Montes, em que para o sonho da formação dum Museu Etnográfico e local, se tentava os devotos detentores dessas peças de arte; com a compra de "Oratórios, Presépios e Quadros de grupos de feição religiosa." Não sei se naquelas regiões houve barristas, mas é natural que sim. Se não houve barristas, houve canteiros, que poderiam ter lavrado peças de preço e génio como aquêles presépio que encima a porta principal da nossa Igreja dos Jerónimos. Lastimoso é o facto, contudo, dêste estímulo á mutilação, dispersão, deslocação e negócio de lesa-arte de peças que pertenceram a familias ou a igrejas, donde nunca deviam sair por serem fortuna de fé e de tradições a louvar sempre para a sua conservação. Os municipios não deviam seguir exemplos condenáveis de brique-à-braquistas.

Êste erro é um áparte que nada tem a ver com o tal concurso anunciado e esquecido. É pena que nesta data a Academia de Belas Artes não tome a peito o seu projecto tão louvado, a ver se daqui a um ano, os nossos artistas nos apresentam uma formosa colecção de presépios, perante os quais Portugal volte a cantar, a bailar e a orar, como nos bons tempos de paz. E também para pôr cõbro á invasão duma indústria estrangeira de bonecos informados, que nada têm a ver com a nossa tradição e se espalham no mercado lisboeta, para deturpação do gôsto português, que na especialidade foi dos mais distintos.

(Clichés de Fernando Pozo)



O DOMÍNIO DO AR



O "Handley Page Hampden" é um dos mais poderosos aviões de bombardeamento ingleses. Eis um desses aparelhos em pleno vôo

O polegar sôbre o botão dos metralhadores e os olhos no visor de tiro, êste piloto da R. A. F. vai descolar



A bordo dum porta-aviões britânico. O chefe de pista dá ao piloto as necessárias instruções



Num aerodromo secreto da Gran-Bretanha. Êste piloto corre a ocupar o seu lugar.



Num aerodromo inglês, os aparelhos vão ser carregados com latas de mantimentos que são lançados em paraquedas.



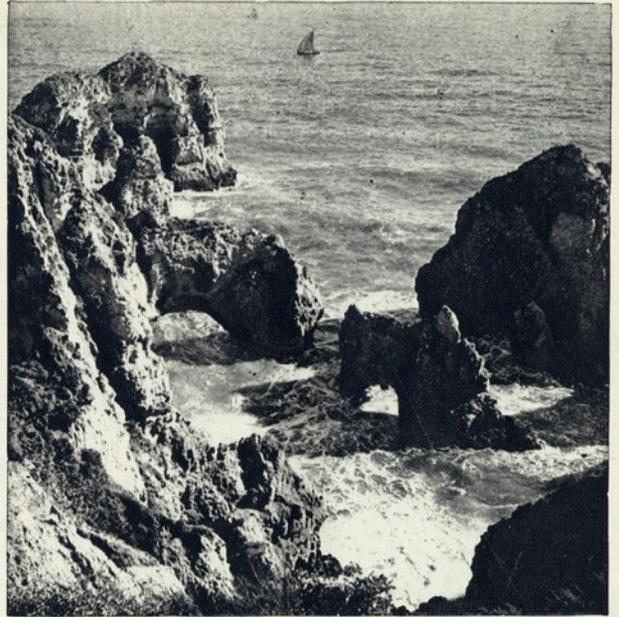
Durante um "raid" um bombardeiro inimigo abatido nos arredores de Londres ficou totalmente destruído. Um soldado guarda os destroços que serão examinados pelos técnicos



O JARDIM DE ALLAH

A terra doirada estende-se fecunda, ardente, florida e cantante, desde o Barlavento com os seus ventos cálidos em cuja asa se respira os aromas sensuais do Mogreb até ao rio fronteiro, de barreiras adustas, que parecem desagregar-se em ruínas bíblicas de um caos apocalíptico. É o Algarve, a última açoteia mourisca no velho continente, jardim de Allah com as suas veigas húmidas, os seus campos de amendoeiras, os seus palmares emplumados numa sinfonia de verdes, em que o esmeralda e o jade, em esmaltes vivos, brilham num estranho fulgor sob a opala faiscante do sol. Depois da terra árida e gretada do Alentejo, onde o humus escasso não deixa crescer uma árvore, é como um oásis na sua indolência de sultana, corpo de ambar, extasiado de luz, reflectindo-se no espelho azul das águas, que tingem da mesma cor os seus doces olhos orientais.

Tudo ali nos fala do passado mouro da velha Chenchir. As deliciosas vilas cubistas, com eirados, e esguias torres lembrando minaretes; as chaminés rendilhadas, uma para cada casa, esta um turbante, aquela uma Kasbah, outra um espigueiro, se não é a proa de uma caravela ou uma pequena tiara bizantina. As árvores de porte pequenino, muito sôfregas de água, florescem mais cedo, em plena Primavera, ainda quando o Inverno borrascoso não saiu do calendário. As figueiras rojam os braços descarnados pelo solo em serpes laocónticas. Os pinheiros frondosos, de larga copa rodada, são como pálios



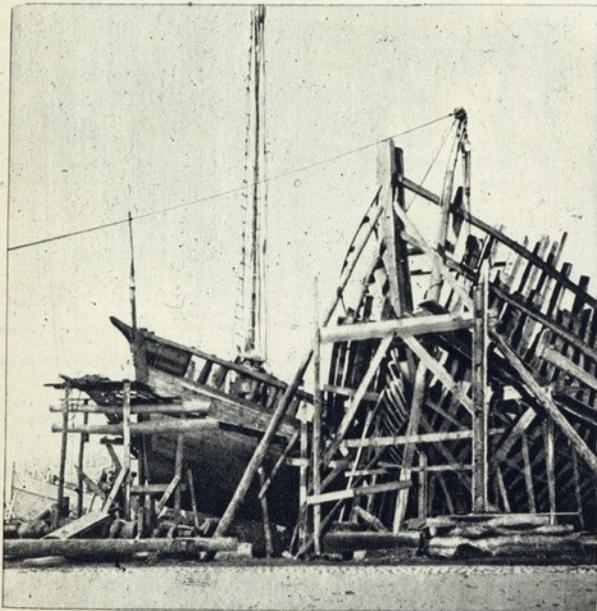
A Praia da Rocha, com as suas grutas esculpidas pelo cinzel do mar



Nas arribas oirescentes da Praia da Rocha. No céu divino, duma pureza imaculada, Deus pintou uma tela de luz



Algarve em flor! As lavadeiras cantam na água azul e no dia doirado de sol



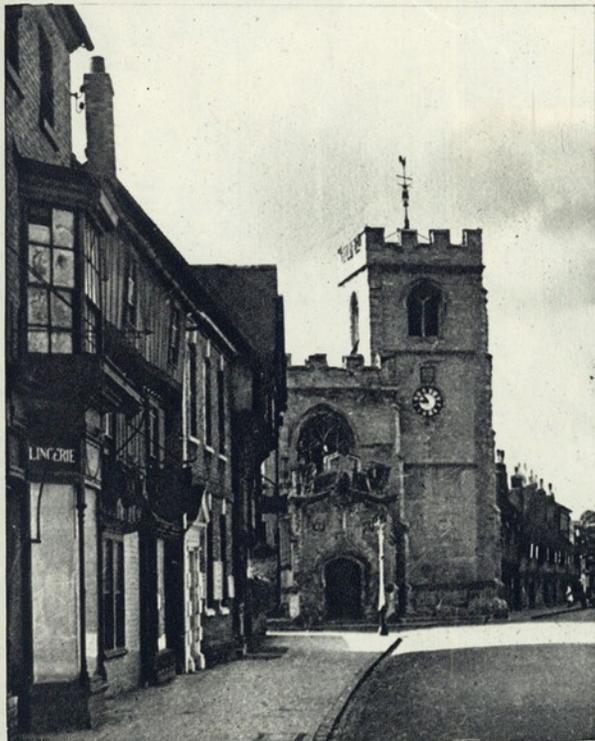
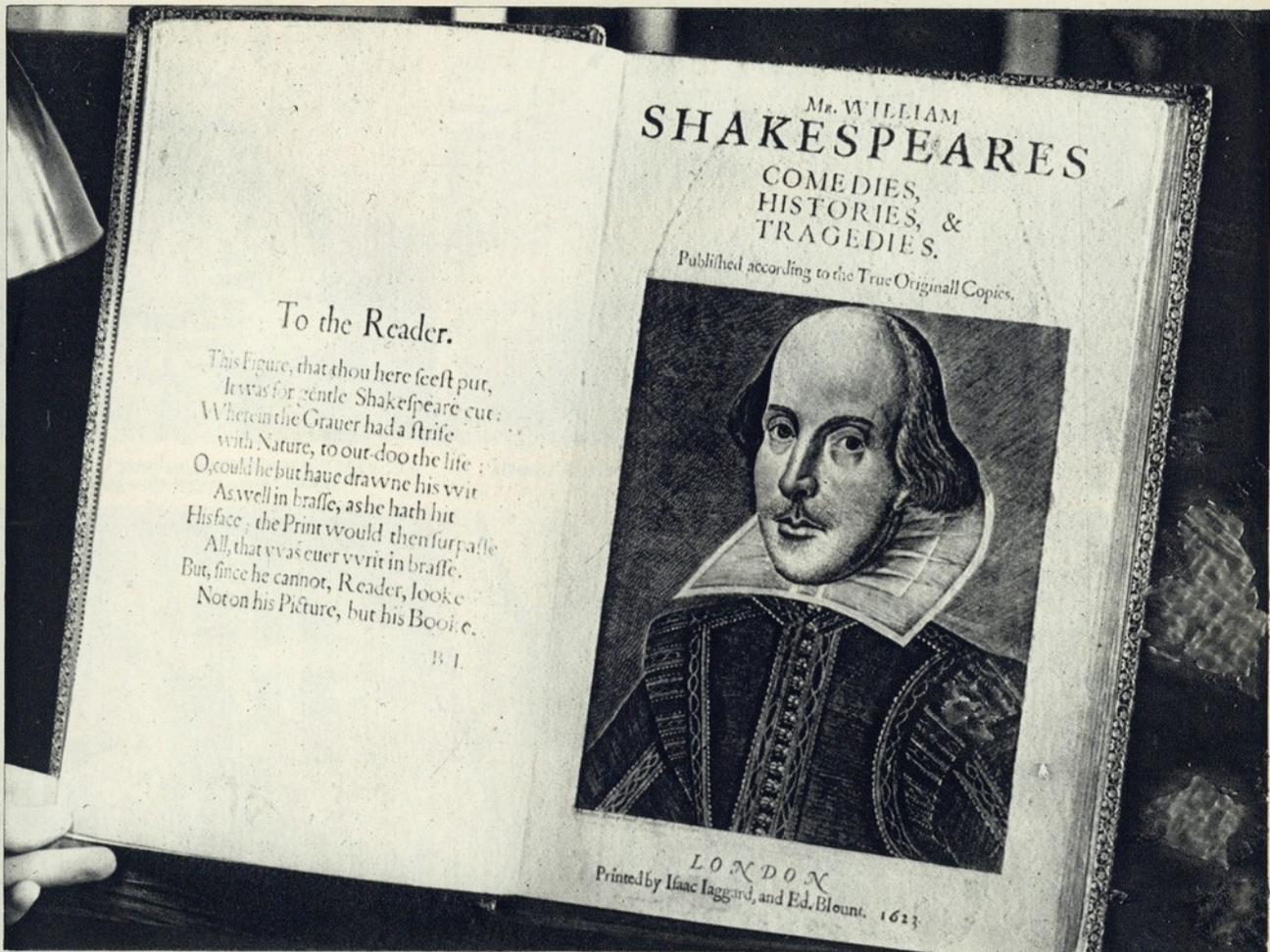
Nas torcenças de Portimão, estes dois barcos, cuja proa esbelta recorda o galbo das naves fenicias

françados de oiro, na luz meridiana. E as amendoeiras, muito decotadas, com os seus vestidos de tafeté e gase brancas, bailarinas de Degas, correndo, pés nus, em pontas, sobre tapetes de flores e erguendo nas mãos oferendas a Pan. Os cerros nevam, os vales cobrem-se de nuvens alvinitentes, imóveis e lânguidas; nas margens dos rios ha rendas de espuma farfalhantes. Tudo é branco, hiperbório!

O homem é como a paisagem, vivo e ridente. Tem a rudeza simples e sincera da gleba e a alegria banzeira e aventureira do mar. É pescador, mareante e corsário — âncora presa à rocha que logo se desprende, seguindo sonâmbulos roteiros de fantasia, já correndo o Mediterraneo levantino, já descendo a costa negra de Africa, até às terras dissidentes do Ifni. Cada cidade tem o seu tipo. Uma é piscatória como Faro; outra fabril como Lagos; outra ainda marítima, como Olhão, erguida pelos pescadores no areal doirado, quando Gibraltar sitiada era abastecida de viveres pelos temerários caiques algarvios.

O Algarve tem ainda outras maravilhas, as suas praias de dunas de oiro com a fantasia fragmentária dos seus rochedos e leixões, de uma bizarra arquitectura pintados de sol, sangue e cobalto. É uma feerie de cores, joias e pedrarias que rebrilham luminosamente, no espelho de água, bizelada como cristal. As mãos tingem-se daquele tesouro multicolor, opulento e fabuloso, que arde ao rez do mar, no fundo do qual, nereides e anfítrites, esquivas e brancas, são medusas hoiando em naufrágios de volúpia. O Algarve é, afinal, o mar, que se divide pelo céu e as águas, na mesma tela, de incomparável azul!

(Fotografias de Gerard Sharp)



Em Stratford-on-Avon. Junto desta igreja, vê-se o colégio onde Shakespeare estudou

O primeiro tradutor português de **SHAKESPEARE**

Chamava-se Simão de Melo Brandão.

Nada sei da sua vida e feitos e dispenso-me de nesse sentido fazer entediantes mergulhos bibliográficos ou genealógicos.

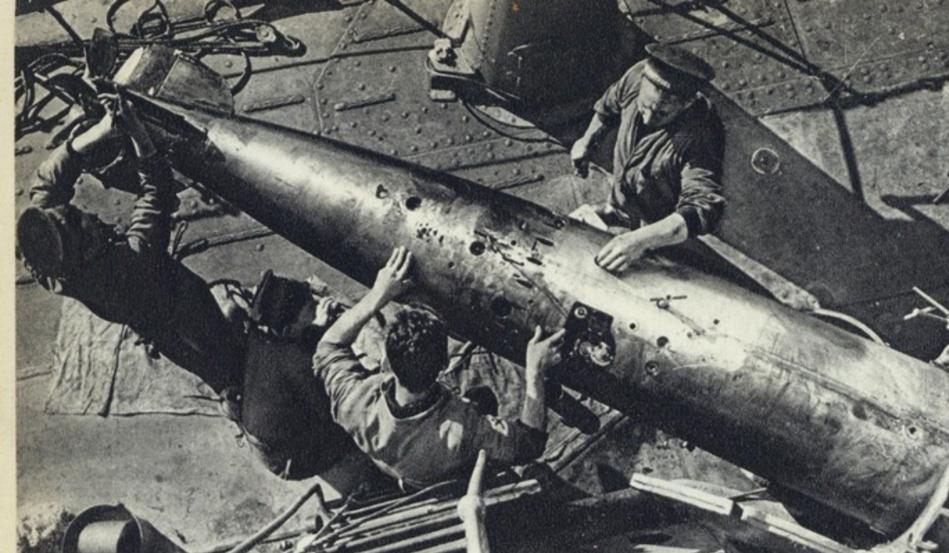
Como quer que seja vem de ponto recordar que, quando Voltaire chasqueava de Shakespeare e Ducis o amaneirava em arranjos arcádicos haver entre nós um escritor erudito, o primeiro crítico teatral português Francisco Bernardo de Lima que na Gazeta literária revelava uma ampla razão clara da obra do genial dramaturgo, de quem Camilo escrevia numa carta a Vieira de Castro: «Não sei se já te recomendei a leitura de Shakespeare. Não conheço coisa mais profunda e digna de estudo. Cada vez que o folheiro pasmo daquele aborto do século XVII».

Era pelos meados do século seguinte. A pedido duma senhora da Casa Sabugosa, D. Maria Izabel Correia de Lencastre e Cesar traduziu Simão de Melo o «Otelo» ou o noivo de Veneza, directamente do «original inglês», como se lê no manuscrito que possuo e que durante mais dum século esteve na posse das freiras do convento de S. Bento do Porto.

Passando sobre a dedicatória madrigalesca à fidalga dama, aludo apenas de relance no prólogo, no qual o tradutor, referindo-se à «maravilhosa peça de Shakespeare», critica ásperamente Ducis de ter sido «bem pouco exacto» ao ponto de inverter a «ordem dos interlocutores para se explicar em simples narração».

Não sei que alguém dado a estudos shakespearianos tenha apontado esta tradução que suponho desconhecida e predecesora das versões directas de D. Luiz I, Rebelo da Silva e José António de Freitas e doutra feita sobre o arranjo de Ducis por José de Sousa Bandeira, e representada por amadores vimaranenses no segundo quartel do século passado.

Jorge de Faria



Os "destroyers" são os peores inimigos dos submarinos. A bordo duma daquelas unidades da armada britânica, os marinheiros preparam um torpedo



A alma dos marinheiros ingleses. Um artilheiro abraça risonhamente o corpo afuselado das granadas



Sobre Londres, as bombas caem indiscriminadamente. Uma delas explodiu neste convento



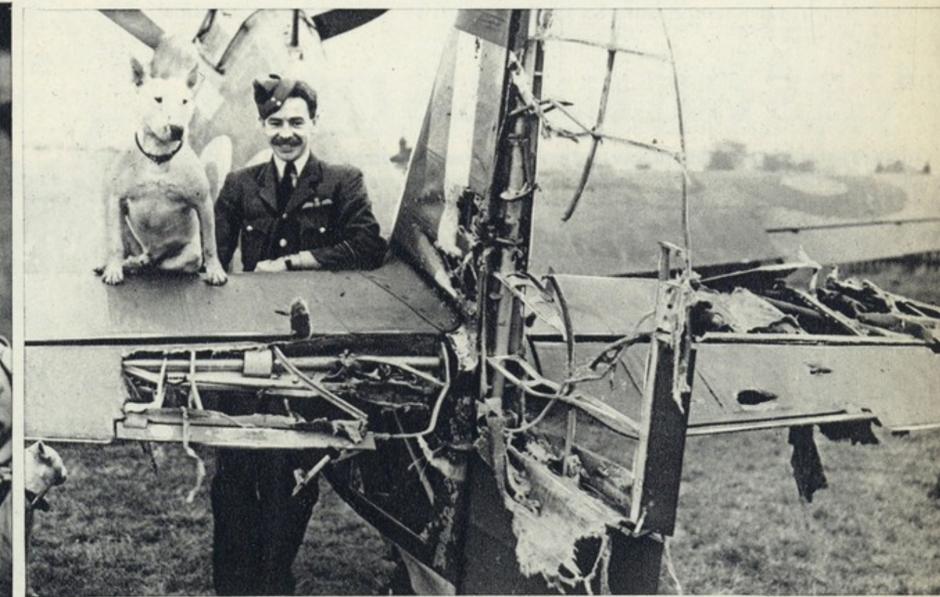
Um fantástico cenário da Europa setentrional! Lá ao fundo, a Islândia, coberta de neve e de névoa. Dois soldados, um inglês, outro canadiano, vão a caminho daquela ilha



O vapor italiano "Verbena" foi apreendido com 150 mil libras de carga, quando se dirigia para um porto próximo da Abissínia. A bandeira inglesa é içada entre os "hurrahs" da nova tripulação



A Royal Air Force vai voar sobre território inimigo. São uns tantos milhares de quilómetros a percorrer, forçando sempre a vigilância do adversário. O comandante mostra aos seus pilotos o caminho a seguir e os objectivos que serão atacados.



Este avião da Royal Air Force, que nos sorri ao lado da sua mascote, conseguiu aterrar após duro combate com aviões inimigos, com os lemes do seu "Hurricane" neste estado



Uma bomba alemã, de grande potência, caiu sobre uma estrada inglesa de intenso tráfego. Rápidamente, os soldados de engenharia, construíram uma ponte.



O exército egípcio, em armas, ao lado da Inglaterra, prepara-se para a defesa do seu país. Estes dois soldados vigiam uma ponte importante do sul do Nilo.



Recebeu S. Nicolau com o seu pagem negro! É uma velha tradição holandesa e este ano foi comemorada em Lisboa para os pequenos refugiados daquele país

Agora vai um movimento singular nas ruas e nas praças cheias de Sol. Já se vêem ramos de pinheiros para as "árvores de Natal," e os molhos de azevinho e esbardeira de folhagem verde-exuberante, salpicada de pontos vermelhos, enchem os lugares das floristas de rústica poesia.

Nos mercados, então, há alegria a trasbordar. A abastança da época torna os vendilhões simpáticos e os compradores condescendentes; e a praça tem o cenário pródigo da ocasião, cheia de ruídos, num marulhar de vozes que crescem em côro insólito. A um lado, arrulham pombos e cantam galos; mais além, é a rustilhada dos cabritos engaiolados e ouve-se o terno balir dos cordeiros inocentes destinados á imolação no dia de festa. A meio, áleas de flores, caindo em chuva de pétalas olorantes, frutos doirados, plantas viçosas e, por entre ramos de louro e grinaldas de verdura, espreitam olhos negros em rostos trigueiros que lembram perfis agarenos.

Lisboa é uma cidade feliz e acolhedora. Não haverá Natal para muitos, em outras paragens, mas aqui ainda o homem pode sentir a fraternal solidariedade que o Rabi da Galileia apregou ao homem, — sob o nosso céu de um azul tão doce como o de Israel.

NASCEU JESUS!

JÁ reparam como pequenos nada reavivam as doces evocações da infância descuidada, em Natais distantes?

Basta uma montra que se abre em risos de luz, onde o Pai Natal promete agradáveis surpresas, para nos reconduzir, em enlevado sonho, ao tempo das quimeras ditosas. São ainda as mesmas as árvores de fantasia, enleadas em fios de prata, cujas ramagens, polvilhadas de neve, com estrélas fulgentes, agulhas de cristal e pequenas esféras que são mundos coloridos, desabam ao péso de tantas maravilhas — as nossas ilusões de crianças. As legiões de bonécos e figuras miniaturais de tôdas as expressões que povoaram o mundo dos nossos caros desejos; o regalo dos doces e guloseimas, nas confeitarias; ás vezes, um simples palhaço mecânico comprado em ruidoso bazar e que parecia zombar da nossa ingenuidade — tantas seduções que encantam as almas cândidas, também já perturbaram o nosso espírito povoado de visões inesquecíveis!

São sempre as mesmas legendas de ternura que o Natal aviva. Não se lembram de um pequeno maltrapilho, um dêsse vagabundos das ruas, com magnífica cabeça coroada de loiros caracóis, tão mimoso que poderia servir de modelo a um anjo do divino Rafael, e que olhava muito triste para a montra do bazar esfusante de luz, cheio de garotos contentes? Tinha duas pérolas a luzir-lhe nos olhos grandes. Se lhe dessem um boneco de celulóide fariam a felicidade dêle; e então, em casa, saltaria contente, ao pescoço da mãe e desatava a rir e a bom rir! A gente lembra-se sempre do olhar meigo e triste de qualquer dêsse vagabundos, enlevado e perdido no meio da multidão em torvelinho.



Tudo a dez tostões! Mesmo as crianças pobres, terão um soldadinho de chumbo



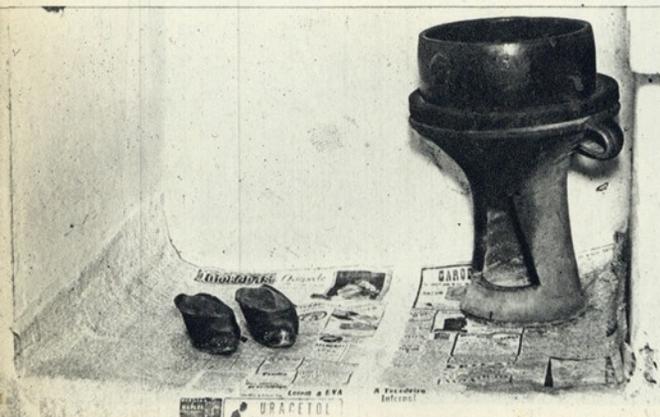
A chaminé confortável, com um sapato elegante. O Menino Jesus foi generoso...



O pinheirinho verde, que se há-de cobrir de brinquedos



Talvez que «a sorte grande» esteja na mão mirrada d'este velho cauteleiro



Os pobres também têm o seu Natal. No fogareiro de barro, vai rutilar uma chama doirada de mistério.

FIGURAS E FACTOS



O Chefe do Estado com os srs. Presidente do Conselho e Ministro das Obras Públicas encerrando a Exposição do Mundo Português



O embaixador Sir Walford Selby apresenta cumprimentos de despedida ao Sr. Ministro das Colónias



O velho templo, unguido de luz, parece ter o fulgor dum cristal de rocha



A festa da Imaculada Conceição, Padroeira de Portugal. O sr. Cardial Patriarca a caminho da Sé



São Carlos elegante! Na noite da récita de gala, as senhoras conversam no «foyer»



Um lindo exercício ritmico das formações da F. N. A. T.

A HISTORIA DA "VICTORIA CROSS"

pele crítico naval britânico "TAFFRAIL,,

A "Victoria Cross" foi fundada em 1856 — logo após a guerra da Criméa — pela Rainha Vitória, para recompensar os actos de maior heroísmo dos seus soldados ou marinheiros, sem distinção de posto. Foi Charles David Lucas, imediato do navio de guerra "Hecla", o primeiro súbdito britânico que obteve a notável condecoração. Salvou a vida dos seus camaradas de bordo, lançando ao mar uma granada prestes a explodir, caída no convés do seu barco, durante um bombardeamento dos russos.

A "Victoria Cross", só concedida quando um feito de excepcional bravura é cometido, tem um valor material insignificante. É uma pequena cruz de braços triangulares fundida com o bronze dos canhões capturados aos inimigos da Inglaterra. Ao centro, uma coroa real que um leão coroado protege sob as patas poderosas. Dos braços horizontais da cruz, pende uma fita, abraçando a coroa, com duas palavras apenas — duas palavras que immortalizam quem as ostente sobre a farda de soldado ou marechal, de marinheiro ou de almirante: "for valour". No reverso, está gravada a data do feito que ela recompensa. Uma forte argola encadeada com o vértice de um V (Victoria) sobre o qual está soldada a pasadeira da fita, com dois ramos de louros, de um lado, e o nome do herói consagrado, do outro, constitue a suspensão da preciosa medalha.

A fita era, inicialmente, azul — a cor da Ordem da Jarreteira — para a Marinha, e carmesim, para o Exército. Mas, em 1917, quando a "Royal Air Force,, passou a constituir uma organização militar independente, foi adoptado um carmesim mais escuro, como cor exclusiva.

O possuidor de tão alta condecoração só a usa com uniforme de gala. De contrário, ostenta apenas a fita ou um travessão com uma miniatura da "Victoria Cross,,.

O regulamento de concessão tem sido alterado através dos tempos. Uma época houve em que a "Victoria Cross,, podia ser conquistada por quem praticasse actos de extrema bravura, mesmo que não fôsse em combate. Em 1866, um soldado que durante as incursões fenianas no Canadá, revelou excepcional valentia quando se declarou incêndio num comboio de munições, foi com ela recompensado.

Agora, só pode ser conferida aos que se distingam "pelo mais elevado heroísmo ou qualquer ousado acto de bravura ou de abnegação e pelo inteiro cumprimento do dever na presença do inimigo,,. Assim, qualquer oficial ou soldado dos três serviços de guerra — Exército, Marinha e Aviação — tripulantes

da Marinha Mercante que sirvam sob as ordens das autoridades das forças naval, militar ou aérea, sujeitos a qualquer acção do inimigo; os oficiais e soldados de todos os Domínios, da Índia e das Colónias, enfermeiros, irmãs de caridade, pessoal de outros serviços de hospitais e enfermarias e civis de ambos os sexos, regular ou temporariamente sob as ordens, direcção ou superintendência dos serviços de saúde, podem obter a "Victoria Cross,,. Apesar disto, ainda não houve qualquer mulher que a conquistasse.

Se qualquer força naval, militar ou aérea se distinguir colectivamente num acto de heroica valentia ou temeridade em face do inimigo, de tal maneira que seja impossível distinguir qualquer individuo em especial, a "Victoria Cross" pode ser conferida por sorteio secreto entre aqueles que tomaram parte no feito.

Quando o número de individuos não exceder cem, escolher-se-á um oficial para ser condecorado por todos os oficiais e um soldado por todos os soldados; se esse número está compreendido entre uma e duas centenas seleccionar-se-ão dois oficiais e dois soldados; e, finalmente, se é superior a duzentos, o número de "Victoria Crosses,, conferidas será especialmente considerado pelas autoridades das forças militares, navais ou aéreas.

São concedidas pensões de dez libras por ano áqueles que não tenham o posto de oficial. Tratando-se do Exército indiano, os oficiais subalternos, até segundos-tenentes, recebem anualmente pensões de 525 rupias, e os oficiais e soldados nativos 150 rupias.

Desde a data da sua instituição até à Grande Guerra, foram

concedidas mil cento e uma "Victoria Crosses,,.

Quási um ano passou sobre o começo da catástrofe que actualmente semeia pela Europa a dor e o luto, sem que alguém lograsse conquistar a mais honrosa condecoração concedida pelo soberano inglês. A guerra arrastava-se lentamente durante o Inverno, sem operações que chamassem sobre elas a atenção do mundo nervosamente emudecido pela expectativa. Surge a campanha da Noruega. As esquadras aérea e naval dos adversários chocam-se com fragor. A Inglaterra curva-se emocionada deante do cadáver do capitão B. A. W. Worburton-Lee, do navio de guerra "Hardy", que se cobrira de glória na batalha naval de Narvik, em 10 de Abril. O seu heroísmo foi premiado com a "Victoria Cross", a titulo póstumo — a primeira concedida nesta guerra.



A RAINHA VITÓRIA DE INGLATERRA

A MULHER NA GUERRA



Uma linda "girl" americana com a sua mascote, que guia uma ambulância



Miss Pauline Gower, que comanda uma das secções dos pilotos femininos, que conduzem os aviões das fábricas para os aeródromos



O exército feminino a que pertencem altas figuras de aristocracia inglesa



Numa fábrica de aparelhos de T. S. F. Um lindo primeiro plano de operárias



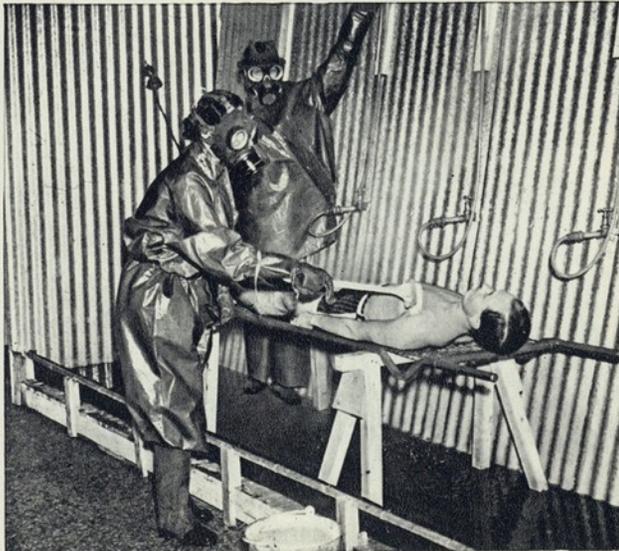
O exército do fogo está sempre a postos, nos seus quartéis. Uma brigada, num abrigo de Regent Street, bebe tranquilamente o seu chá.



Duas senhoras da sociedade londrina, lavando os vidros de uma escola



O alarme soou. Os louros "babies" vão dormir sonhando com Nelson



Duas enfermeiras com máscaras anti-gás lavam um soldado supostamente atacado por gases corrosivos



A mulher inglesa substituiu o homem Lady X, vende bilhetes num "autobus"

C I N E M A

PLANOS DE CONJUNTO



«Pirisca» é o personagem central do novo filme português «O despertar de uma estrela», que o actor-bailarino Eugenio Salvador vai interpretar. Ei-lo visto pelo artista Manuel Lima.

Os actores, como os homens, têm o destino marcado. Vejamos, por exemplo, o caso de Brian Donlevy. Explêndido actor característico, está farto de morrer. Éle próprio fez essa declaração. Em oito filmes em que entrou nestes últimos tempos, Brian morre antes que a película termine. Morre em «Chicago em chamas», «Jesse James», «Beau Geste» e «Aliança de Aço», além de muitos outros. Talvez por isso mesmo, a R. K. O. deu-lhe um papel em «Alleghany frontier» do qual sai com vida. É caso para Donlevy se felicitar.



Estreou-se recentemente em Nova-York, com grande sucesso o filme «Tom Edison, o pequeno génio», interpretado por Mickey Rooney. Nesta fotografia vemos o jovem actor com o industrial norte americano Henry Ford, durante uma visita ao Museu de Edison, cuja conservação está a cargo do célebre produtor de automóveis



Uma imagem vigorosa do novo filme «O Leão dos Mares», estreado recentemente em Lisboa, com Clive Brook e Johan Clements nos principais papeis. Em três viagens sucessivas, num «Convoy» de navios, artistas e operadores arriscaram a vida em prol da verdade do filme



Rebecca

A Mulher que viveu para além da sua própria vida

«A primeira esposa, cuja lembrança avassaladora torna inútil a tarefa tormentosa da segunda mulher de Max em tentar conquistar-lhe um amor que só àquela pertence "for ever"...

A personagem invisível e onnipotente que absorve toda a sua vida e impossibilita toda a miragem de nova felicidade... A Mulher Eterna...

"Rebecca" é a coroa de glória de Selznick, o mais discutido produtor da América, que fez desta obra o melhor filme de todos os tempos.

O interesse e emoção de "Rebecca" é confirmado pelo formidável êxito que obteve no maior cinema do Mundo, o Rádio City Music-Hall de Nova York — seis semanas de exibição.

Esta super-produção da United Artists, com Laurence Olivier, Jean Fontaine e Judith Anderson, estreia-se em breve no S. Luiz Cine, apresentada pela Sonoro-Filme.

SABU é agora o herói da nova versão do célebre filme O LADRÃO DE BAGDAD que Ludwig produziu e Alexandre Korda realizou para a United Artists. Ninguém poderá ficar indiferente ante a sua suprema beleza e originalidade: milhares de cavalos brancos saindo milagrosamente do chão; escravos presos dentro de garrafas e um sem número de atracções que em breve vamos ver num dos nossos grandes cinemas.





Enquanto avançados e defesas disputam a bola, o guarda-redes pára colocando os joelhos

Um avançado pretende carregar o guarda-redes, mas o defensor adversário impede-o, pondo-lhe a mão na cara

O FOOT-BALL NÃO É UM JOGO BRUTAL

Quem tiver visto jogar futebol em Inglaterra, depois de ter assistido a uma competição entre equipas portuguesas, encontrará esta diferença fundamental: o futebol português chega por vezes a ser brutal sem ter alcançado aspectos de jogo essencialmente atlético. Ao contrário, o futebol britânico é vigoroso e rude, mas sem nenhum alarde de violência ou brutalidade. E isto é rigorosamente exacto.

Todavia, as regras do jogo, imaginadas pelos ingleses e adoptadas por todos os outros países, são identicas em todos os cantos da terra, o que, à primeira vista, deveria assegurar uma perfeita identidade entre o modo de jogar em todo o mundo. Mas não é assim. Nalguns países, entre os quais o nosso, operou-se uma verdadeira corrupção não só das regras do jogo, como do próprio espirito do desporto.

Em Inglaterra, sobretudo há o culto do fair-play — do jogo lícito... As leis do futebol proibem terminantemente a carga violenta e incorrecta, a «rasteira», o pontapé no adversário, o salto perigoso, empurrar ou bater num adversário, o truque grosseiro, e os jogadores ingleses respeitam cegamente a lei. As atitudes de incorrecção, num campo de jogos são autênticas excepções — que emocionam verdadeiramente o público. Entre elles, a autoridade do árbitro é absoluta e indiscutível; o respeito pelo adversário é da própria condição de jogo; o ter espirito desportivo, é um título comum; ganham e perdem com o mesmo bom humor; no final da partida os vencidos saudam os vencedores — e nunca se atribue a derrota ao pobre do director da partida. Em resumo: há espirito desportivo em todo o futebol: no amadorismo e no profissionalismo integrais — sem meias-tintas ou portas comuns...; nos contratos, nas transferências, nas inscrições e nos salários dos jogadores; no sistema das competições e na rectidão das decisões; na mentalidade, na direcção, em toda a organização.

Entre nós, ao principio, também foi assim. Havia desporto puro — à inglesa. Ainda mesmo quando tomavam proporções de verdadeiras batalhas — ficaram célebres sobre esse aspecto algumas partidas entre portugueses e ingleses em Carcavelos — o futebol perdia a sua feição de desporto puro. A contenda, seguia-se logo a reconciliação, que começava nos hip... hip... hurra... ainda dentro do campo, e terminavam em ruidosa fraternidade no bar da Quinta Nova...

Mas, depois, o futebol progrediu a passo largo — avassaladoramente; fundaram-se centenas de clubs em cada cidade e cada região; instituíram-se com regularidade os campeonatos locais e regionais e as competições inter-regionais e internacionais e, contudo isto, criou-se e exacerbou-se o chamado espirito de club — e do bairrismo...

E o que foi óptimo, como factor de expansão, quasi anulou, porém, o verdadeiro espirito desportivismo, que informa todo o desporto.

Realmente, ao espirito desportivo, universalista como a própria ideia a que se ampara, nos seus anseios como nos seus objectivos, cedeu a vez ao espirito do club, da cidade, da região que, uma vez excitado, tem dado lugar às mais desagradáveis como às mais pitorescas cenas de rivalidades inferiores entre clubs e burgos vizinhos, com o seu cortejo de apedrejamento às camionetes que transportam os jogadores e os partidários do adversário; ao corte de relações desportivas e, até, comerciais entre cidades vizinhas ou encimadas; ou despiques jornalísticos e até planfletários; à intervenção da autoridade pública para apaziguar os ânimos e para reconciliar os comerciantes dos dois burgos...

Por tudo isto, construiu-se a ideia falsa de que, em desporto, aquilo que mais vale é o resultado técnico de luta. Vencer o desafio, ganhar o campeonato, ser o campeão, parece ser a ideia dominante dos dirigentes como dos jogadores,

porque a ideia generosa da utilidade social dos desportos, como meio de formação física e cívica, quasi se perdeu.

Para um inglês, uma partida internacional é um mero episódio do futebol, quasi um pretexto para uma excursão ao Continente. E quando perdem, riem, interrogando-se, calmamente, sobre os erros técnicos e táticos que teriam praticado para propiciar a vitória do adversário... Nós, não. Se perdemos, ficamos vexados — todos; os que jogaram, os que viram o jogo, e até aqueles que souberam do caso pela rádio ou pelo jornal. Mas, quando vencemos, vamos igualmente à cabo. Toca o sino maior e as virtudes da Raça são encontradas, juntinhas, no peito dos modestos jogadores que nessa tarde jogaram melhor do que os adversários...

Pelo mesmo motivo, nos jogos locais, os partidários dum clube levam para o campo três preocupações: a victoria do seu grupo; troçar do vencido, quando este sofre um goal; vaia o árbitro, se ele toma decisão que desagrada. E, no final, poder gritar: Vencemos! Mais nada.

Como não pode deixar de ser, esta ideia dominante conduz à perversão do jogo. É a maior fonte de sugestão para o abandono do fair-play, e para o recurso ao desrespeito das regras, ao truque, à violência — para se alcançar a vitória.

Antes duma partida, insufla-se no jogador a ideia da vitória, excitando nele o amor próprio, a ideia do club, da cidade, etc. Durante o jogo, os partidários gritam-lhe, às vezes, todos os incitamentos... E ele, desejoso de cumprir, dispõe-se a vencer — a bem ou a mal... Se é tecnicamente inferior, recorre ao truque, ao desrespeito pelas regras, à rasteira, ao jogo ilícito; se o adversário ganha ascendência, enfurece-se e resvala para a violência.

E por isso que, em futebol, não há, em rigor, grupos correctos nem grupos incorrectos, mas apenas grupos que vencem e grupos que perdem. A ganhar, são todos modelares: os jogadores, os partidários e os dirigentes. Mas a perder? Julgamos que, por vezes, os últimos a perder a calma são os jogadores...

Exageramos, claro está. Mas, não muito. E fizemo-lo, intencionalmente, na esperança de que as cousas mudem de rumo, porque é realmente pena que o futebol se inferiorize, sendo um desporto admirável quando praticado em perfeita subordinação às suas leis.

E só há um processo: forçar os árbitros a cumprirem inexoravelmente as leis do jogo, expulsando do terreno aqueles jogadores que recorrem ao jogo violento. É vale, realmente, a pena um esforço nesse sentido, para prestígio do próprio futebol.

70 a 80% dos accidentes do futebol português são originados pelo jogo à margem das leis, no qual se reincede com frequência por não ser inevitável a repressão severa. Além disso, o jogo brutal, é ainda uma das causas da inferioridade técnica de muitos jogadores e a origem do lento progresso do nosso futebol, ainda que o não pareça. Na verdade, a iminência do perigo, o receio duma carga violenta ou dum golpe perigoso, contribuem em larga escala para que os jogadores se intimidem, em determinados lances; não se apliquem mais em tentativas de marcação de goal; e se perturbem frequentemente, diante da sede. É isto é tão exacto que, entre nós, há um decidido culto pelo jogador áspere, agressivo e, porque não dizer, violento, sobretudo nos lugares de defesa — para meterem «medo» aos avançados contrários...

Sobre isto, por certo, estão todos de acordo: os jogadores, que desejariam poder jogar sem risco algum; e os dirigentes, que, afinal, não ignoram qual é a sua missão. Vale a pena, por isso, tentar uma repressão severissima contra o jogo violento e brutal, que tanto inferioriza o futebol português.

FERNANDES DE OLIVEIRA

COSTUREIRINHAS DE LISBOA

QUANDO elas passam, fica nas ruas um rastro de alegria. Podem os dias ser cinzentos e frios como as almas sem amor, que elas são a graça e o sonho... Mesmo neste fim de Outono glacial, as suas bocas e os seus olhos sabem sorrir. À tardinha, quando as luzes começam a acender-se e o relógio do Carmo bate, pausadamente, as sete horas, a cidade parece animar-se numa nova vida. Fecham os ateliers e as casas de modas. E, quando as ruas começavam já a adormecer, elas despertam-nas com a exuberância da sua mocidade, depois de um dia inteiro de trabalho... entre picadas da agulha e ralhos do mestre carrancudo ou da modista severa. É a liberdade que as enlouquece. Aos grupos, lá vão a caminho de casa, espreitando aqui e além um olhar surpreendido no dia anterior — à mesma hora. E são felizes, quâsi sempre. Com o corte numa casaca elegante no regaço, sonham com o herói do film que ontem viram ou do romance que leram. Entre dois «alinhavos» numa «toilette» de gala, fantasiavam-se princesas dum conto muito belo que ninguém lhes contou.

Às vezes, julgam-se também infelizes. Quando certo príncipe encantado deixa de rondar o atelier, lá se vão as suas ilusões. Fica-lhes nos olhos uma sombra de tristeza — ou de saúde.

Deliciosas costureirinhas! Afinal, são elas a verdadeira alma de Lisboa — alma esquisita onde ha farraços de sonho, perfume de beijos, amargo de lágrimas...

São as andorinhas da cidade, vivas, fúteis, caprichosas e sentimentais. Têm uma vida humilde, de sacrifício heroico. Por vezes, cantam para não chorar. Outras trinam em aleluias de luz e de esperança.

São purinhas como a graça e o amor que elas gostam muito romântico, de capa e espada, como no tempo antigo. O tropear dum ginete, uma mascarilha negra, uma rosa vermelha, voando pelo ar!

Pizam, como rainhas, o asfalto, sem se mancharem na lama, sem se prenderem com o brilho enfeitado das joias.

Louras, como se o sol tivesse entranchado de oiro os seus cabelos; morenas, como pequenas Sulamites de paixão e de melancolia, elas distinguem-se pela sua



Uma pequena Deana Durbin, que não se sabe pintar, nem sabe mentir

gentileza, flores castas de humildade, que suavemente rescendem como as violetas.

Vivem, nas mansardas, ninhos de alturas, entre nuvens e estrélas, tal qual as andorinhas, com a diferença de que o Inverno não as afugenta.

Ficam, mesmo nos dias tristes, sem luz, para tornar mais bela, mais femenina, mais carinhosa esta Lisboa, que elas encantam com as suas asas de sonho, os seus sorrisos perolados de ternura.

Passam-lhes pelos dedos sedas delicadas vindas de países exóticos, peles caras do Canadá, modelos esquisitos que deslumbram salões. Elas já não reparam. Habituarão-se ao seu «tailleur» muito simples.

Sem a poesia dos seus olhos claros, onde ha, tantas vezes, uma pontinha de malícia, seriam mais tristes as horas do entardecer nos miradoiros e nos jardins.

S. Q.



Meio dia! Chilreiam contentes. A vida tem sonhos cor de rosa, e um príncipe encantado, que há-de vir.



É ali que ela o espera todos os dias, umas vezes com impaciência, outras com alegria. Há seis mezes que dura aquêlo noivado de felicidade



Chegaram a tempo! A mestra desta vez nada terá que dizer. Agora, vão costurar os seus cuidados!



Nove horas da manhã. A caminho do «atelier». Aos bandos, como as andorinhas

ALFAMA



As ruas estreitam-se, como às vezes, sucede na vida, entre sombras soturnas e clarões faiscantes de luz.



O Bêco do Loureiro, que anda cantado nas trovas do fado. Os prédios «embandeirados» com cordas de roupa pobresinha.



As escadinhas de D. Rosa, coração da velha Alfama, com o seu lampeão romântico, onde, em noites de luar, guitarras de oiro estremecem, feridas de saúde e de paixão.



O Arco D. Rosa, dos mais castiços da toponímia de Alfama, pedras lavradas duma Lisboa antiga que, se soubessem falar, nos contariam muitas histórias tristes de amor lusiada.



O local preferido dos artistas que amam o lirismo humilde de Lisboa. Uma linda aguarela do balrro do mar com suas casas seiscentistas, cada uma de sua côr.

(Fotografias do professor Campos Coelho)

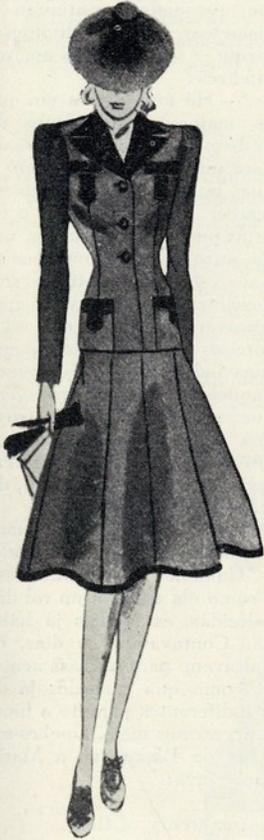
Página Feminina

A MODA DE 1941

É difícil conhecê-la?

Sim, mas a moda é como o amor, o lume e a tosse: — não pode esconder-se.

No vestido de manhã, la petiterobe, a saia é genero guarda-chuva, tôda aos panos que vão alargando para baixo e no corpo há um colete, a gola de piqué ou crepe mate, o laço gracioso que lhe dão novidade.



Lã e veludo
Blusa de veludo branco

O tailleur é mais subido na frente, não deixando espaço para se ver a blusa mas sim a écharpe de tons cloridos e vários. Em vez duma só flôr, na botoeira, põem-se duas pequeninas, uma em cada banda.

E o casaco? O «tapa-misérias» imprescindível? Nêle se adoptam duas formas: a larga e a cingida; isto é, a que faz sport e a que denota mais cerimónia. E variam igualmente os tecidos e as côres a empregar com um e outro, oscilando sempre entre a côr de ferrugem, o azul Royal Air Force, o vermelho sombrio, o castanho-charuto e o tom de fogo.

No vestido de tarde, vêm-se os seguintes detalhes: algibeiras françadas, encaixes de rendas, incrustações de tecidos diferentes, nervuras, contrastes de côres, jabots delicados.

O de noite obedece a duas linhas: a caule, esguia e estilizada e a de

estilo, com o corpo muito justo e a saia extremamente rodada. A segunda é só retuda, para raparigas.

Nos chapéus, tudo que fôr movimento é que está em voga: levantam ao lado, atrás, tem penas erguidas para o céu, pássaros quasi a levantar vôo, fitas cortando o ar.

E usa-se muito o capuz, ora prêso ao casaco e à capa de borracha ora o capuchon de pele, quentinho e esquimó.

Aqui estão alguns traços da moda de 1941, minhas senhoras. Há quem diga, que ninguém sabe o que se usa, mas é mentira — não que ela é como a tosse, o lume e o amor... denuncia-se sempre.

Aurora Jardim



(1) Triunfo das pinças afinando a silhueta

(2) Casaco de viagem em ratine bege. Vestido e chapeu em azul escuro

CONHEÇA O SEU TIPO ASTRONÓMICO

Nasceu de 23 de Novembro a 22 de Dezembro

Signo zodiacal: Sagitário

É generosa

Tem horror à guerra e a tudo que lhe fere a sensibilidade magoando o seu semelhante. Mas está pronta para todos os sacrificios. Está na primeira fila do humanitarismo; enfermagem, assistência social, socorros a náufragos, protecção a crianças.

Côres dos meses: — Novembro: fôlha-morta — Dezembro: preto.

Pedras a usar: Novembro: topázio. Dezembro: pérola negra.

Arte de ser feliz no casamento

A mulher deve fazer com que o marido lhe dê mimo.

É verdade. Porque assim habitua-o a preocupar-se constantemente com ela. Mas nem por isso se tornará egoísta nem trivial pois também o acarinhará a êle, velando pelo seu bem estar e proporcionando-lhe tôdas as comodidades.

Nunca esquecerá de que vem de trabalhar para o sustento do lar e mostrar-se á risonha, agradável, não o importunando com questões domésticas ou preocupações sem fundamento.

Mostrar-se-á sempre um pouco criança, pois o homem gosta imenso de sentir forte e protector.

Ora responde...

É orgulhosa?

Talvez seja sem dar por isso e talvez julgue que é sem o ser.

Ora responde a estas perguntas e, no final, somando as respostas afirmativas ou negativas, o seu bom senso lhe dirá se é ou não.

— Quando está na rua, não gosta de cumprimentar pessoas conhecidas que vestem pobremente?

— Tem o mau gosto de dizer quanto custou um objecto caro?

— Anda carregada de joias?

— Trata os inferiores com arrogância?

— Se tem algum bisavô possivelmente fidalgo, passa a vida a falar nisso?

— Na conversa está sempre a dizer: «— eu... quanto a mim... a minha opinião...»?



Graciosa estilização do barrete salão

— Faz voz importante ou boqui-nhas ou gesto à cinema?

— A sua modista é sempre a melhor de tôdas?

— Quando se lhe escapa uma má-lha, exclama: «— Ai, a minha Gui!» quando afinal a meia é da mais modesta marca?



Acorde mais nova todas as manhãs

Todos os dias se acorda para a vida! enquanto o sono faz recuperar as energias ao seu corpo, alimente também a sua pele durante a noite, para a manhã segnente estar mais fresca e aveludada.

Empregue ao deitar o **Creme d'Argy**, de tão agradável aplicação e esta maravilhosa descoberta do Dr. Charpy, de Paris, fará o milagre rápido do seu rejuvenescimento.

A pele, graças à acção directa das vitaminas que êste Creme contém e se infiltram nas células dérmicas cançadas, começa logo após a primeira aplicação a manifestar uma surpreendente transformação. Alimentada durante a noite, torna-se asseitinada e fresca; os mais visíveis estragos da idade ou dos desgostos, as rugas os pés de galinha etc., desaparecem rapidamente.

Usado diariamente como verdadeiro tónico epidérmico, o **Creme d'Argy**, vitaminado, torna-se apetecível e saudável.

O **Creme d'Argy**, unico creme nutritivo à base de vitaminas, estudado por uma sumidade médica de Paris, especialista nos tratamentos da pele e sua beleza, em duas preparações complementares — como creme para se usar de dia, (N.º 1) applicando-se antes do pó de arroz; e como tratamento nocturno (N.º 2) para applicações ao deitar.

Faça hoje mesmo uma experiência. Por 4\$00 pode adquirir nas boas casas da especialidade um estojo-reclamo, contendo um tubo de creme n.º 1 (dia), um tubo de creme n.º 2 (noite) e duas amostras de Mousseine d'Argy.

Não encontrando, escreva para os Laboratorios d'Argy, Campo 28 de Maio — LISBOA

UM PAR DE LUVAS

Novela de LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS

— Decididamente ela não teve culpa, confidenciou-me José Pedro, de repente. E acrescentou: — Vou contar-te tudo. Verás como devemos ambos, ela e eu, estar gratos àquele par de luvas...

Confesso que não percebi. Pouco antes, quando perguntava ao meu amigo qual o destino do seu noivado — um noivado perfeitamente legal, com todos os atributos próprios e mil projectos matrimoniais, ficara surpreendido com o seu ar desanimado. Abanara a cabeça num gesto de tragédia — “irremediavelmente desmanchado!” — Não quiz indagar das razões de tão súbita resolução, tanto mais que o vira, havia ainda quinze dias, passear uma tarde no Estoril com a noiva e a futura sogra em simpática, e muito portuguesa, trilogia pré-familiar... O José Pedro disse-me aquilo e calou-se. Não procurei consolá-lo. Conhecendo-o bem, sabia que num caso desses, a iniciativa teria sido sempre sua — e não da noiva. Assim, só teria que felicitá-lo. Mas pensei que dar-lhe parabens seria de mau gosto e, até certo ponto, de má educação. Olhei-o compreensiva e discretamente. E calei-me. Mas logo poucos segundos passados insistiu:

— O culpado... foi aquele par de luvas.

Conheço o José Pedro há muitos anos. Sei-o inteligente, duma inteligência clara, nem sempre rigorosamente objectiva e por vezes com demasiadas preocupações literárias que o fazem conhecer a vida através dos livros, e logo desconhecê-la na sua realidade essencial. Mas comecei a recear pela lucidez do seu espirito. E acabei por pedir-lhe numa transigência, quasi a mêdo...

— Já agora explica-te.

E' claro que o meu amigo não hesitou. Estava morto por isso. Eu próprio compreendia que a minha habitual discreção serviria de cêsto de papeis àquele amaranhar dum desgosto recente. De facto, enquanto subíamos a Avenida, nessa tarde, José Pedro libertou-se do seu pêso. E contou-me a pitoresca história do seu rompimento — e da influência que teve, nesse facto solene, um par de luvas róxas. Escutei-o, sem grandes interrupções. José Pedro não queria que o aconselhassem nem que o aplaudissem, queria apenas falar. — Ouvi-o.

o o o

— Como sabes, começou por dizer o meu amigo, tencionava casar já no próximo ano. Preparava tudo nesse sentido,



tinha já casa em vista — um quinto andar agradável perto do Parque, com *chaufage*, vista do Tejo e o sol a entrar por todos os lados. A Maria Lúcia gostava da casa. Fomos lá mais duma vez, destinámos as salas e os quartos, chegámos a comprar os primeiros móveis. Estava tudo, portanto, mais que estabelecido...

Dito isto, o seu olhar, de ordinário vivo e esperto, turvou-se um momento como que parado e indiferente. Estávamos em plena Avenida e, na porta da *Bijou*, havia grupos mal recortados no cinzento leve do entardecer. Uma aragem fresca fê-lo levantar a gola do sobretudo. Parei para acender um cigarro — e uma capa de peles que passou, sorriu-nos num cumprimento furtivo. José Pedro continuou:

— Conheces bem a Maria Lúcia, o seu feitio difícil, que tentei tantas vezes modificar. Devo dizer-te que era êsse mesmo feitio um dos seus maiores encantos. Terrivelmente feminina. E eu fui sempre duma confiança quasi lírica, que era afinal uma prova de masculinidade...

E rematou com perfeito conhecimento de causa:

— Tu sabes... Nestas coisas, os homens, mesmo os mais fortes, fazem sempre a peor figura...

Disse-lhe que “não sabia”. Nem queria saber. Confesso a minha inexperiência nessas tricas de psicologia feminina. E afirmei a José Pedro que era velho hábito meu dividir as mulheres em duas classes

— as inteligentes e as estúpidas. Como as segundas estão em maioria, apenas me posso interessar pela minoria reduzida que constitui as primeiras. E expliquei-lhe sinceramente que, mesmo assim, tais distrações me pareciam superficiais e inúteis, quando há tanta coisa séria a preocupar-nos...

Porém, José Pedro, sem me responder, continuou a discretar — quasi voluptuosamente — sobre os seus amores infelizes:

— Há uma altura em que os maiores entusiasmos de ordem sentimental passam para um domínio de *hábito* a que muitos não conseguem resistir. A Maria Lúcia e eu estávamos já habituados um ao outro, eram automáticos os nossos gestos mais afectuosos, mecânicas as palavras que trocávamos, normais os nossos sorrisos ou até as nossas mútuas indiferenças. Estávamos naquela *terra-de-ninguém* que precede a maior parte dos casamentos, quando os noivos se despedem, com uma certa máguia inconcessada, do quadro normal da sua vida...

Mentia-te se te dissesse que havíamos renunciado à nossa própria felicidade. Nada disso. Tínhamos *legalizado* essa felicidade e, como ela entrava no rol das coisas estabelecidas, estávamos já habituados a ela. Contávamos os dias, os meses que faltavam para o casamento, normalmente, como que cansados já de esperar, mas indiferentes perante a hipótese de não esperarmos mais. Lembro-me daqueles versos de Blake que a Maria Lúcia tanto apreciava:

“Ah! Sunflower weary of time
That countest the steps of the sun...”

— *Weary of time*... Mal vai a vida quando começamos a estar cansados do tempo e de nós próprios...

Neste meu feitiço indagador e objectivo interrompi o filosofar ameno do meu amigo com uma pergunta sêca:

— Mas afinal vocês gostavam um do outro, ou não?

José Pedro olhou para mim, indignado do atrevimento supremo — interromper com uma frase curta o seu romântico meditar. Nem me respondeu. Mas percebendo que faltava já pouco para chegarmos à Rotunda e que não podia ter, durante muito tempo, um tão atento auditor, abreviou o discurso:

— Há quinze dias aproximadamente, a Maria Lúcia apareceu-me encantada com uma idéa que tivera: resolvera com-

prar um chapéu rôxo que era, alias, dum afflitivo mau gôsto. E *para dizer* com o chapéu, inaugurou umas luvas da mesma côr, que considerava "*do mais chic que há*".

E' claro que não descuti, disse-me José Pedro com voz de arrastada tristeza. Em matéria de modas não é de boa tática discutir com as mulheres. Mas intimamente, passei a detestar as luvas rôxas, a odiá-las, num ódio quasi *pesscal*. Cheguei a proibir, a Maria Lúcia, logo no primeiro dia, de sair comigo tendo calçadas aquelas luvas rôxas. Foram elas as culpadas de tudo o que aconteceu. E vais ver se eu tinha ou não fortes motivos para detestá-las instintivamente...

Chegávamos à Rotunda. Circundámos o Monumento. E, começámos quasi sem dar por isso a descer a Avenida; era à noite, aquela hora indecisa e triste em que nascem com as primeiras luzes as primeiras promessas de sonho e de poesia,

* * *

E José Pedro continuou:

— Logo no dia seguinte à compra das luvas rôxas, comecei a estranhar a Maria Lúcia. Achei-a *aérea*, distraída, e como fôssemos nessa noite ao cinema — reparei que a sua atenção não estava ali connosco, mas passeava pela sala, sem se fixar embora num só ponto, mas como que procurando na plateia, nos camarotes e nos balcões não sei que estranha correspondência silenciosa...

Tu sabes que eu não sou nem ciumento nem desconfiado. Mas estava noivo

da Maria Lúcia havia mais de um ano, conhecia-a como aos meus dedos e, embora a soubesse *coquette*, amiga de agradar, sobretudo de perceber que agradava, não lhe podia exigir a ausência dum certo número de defeitos, comuns, como sabes, a todas as mulheres. Mas nessa altura nem pensei nas luvas rôxas, nem na terrível influência psicológica que êsse simples elemento de vestuário poderia ter sobre um cérebro frágil duma rapariga como há tantas...

Nos dias que se seguiram, a Maria Lúcia começou a transformar-se e a alterar, por completo, os seus hábitos. Inventou "compras na Baixa", uma coisa que é sempre um pretexto e nunca uma necessidade. Imaginou chás na *Marques*, no *Imperium*, com amigas inesperadas, passou a descer o Chiado de manhã e a subir o Chiado à tarde. Percorreu, enfim, tôda aquela escala triste das burguesinhas lisboetas que descem à Baixa para fazer sucesso...

Estás a olhar para mim, espantado do meu tom, não é verdade? Tens razão. Mas é preciso que não te esqueças que a maior parte dos homens é, no fundo, duma seriedade muito sólida. Mesmo no espírito daqueles homens que as mulheres consideram na sua linguagem própria "uns cínicos" há sempre uma ternura, um respeito especial, pelas outras — por aquelas que não apreciam êsse cinismo... Ora eu erguera muito alto a Maria Lúcia. Não podia já acompanhá-la em sentido contrário...

— Até aqui ainda não vi nada que se

possa considerar *descida*, não resisti a dizer. Lá porque uma mulher compra um par de luvas rôxas e vai tomar chá com as amigas e vai duas vezes por dia ao Chiado — não me parece razão para tanto desânimo e, sobretudo, para tanta indignação...

— Enganas-te. Uma mulher desce, perde-se, à primeira transigência com a vulgaridade. Fazer "o que todos fazem" é, de-certo, uma das primeiras ambições dêsse pequenos objectos de luxo que deveriam ter uma simples função decorativa e que se julgam indispensáveis na nossa vida. Quando a Maria Lúcia começou a exhibir-se pelas ruas da Baixa começou automaticamente a deixar de ter interesse para mim... E dias depois porque ela mo confessou e porque uma amiga solícita mo disse, percebi bem as culpas que tiveram nisto tudo as luvas rôxas...

— Já justamente perguntar-te que ligação havia entre as luvas e as tuas resoluções heroicas de rompimento...

— Conto-te rapidamente para não te tirar mais tempo e baseando-me nas conclusões do meu raciocínio e nas informações colhidas directamente... Quando a Maria Lúcia pôs, pela primeira vez, aquêle par de luvas — foi ela própria quem mo confessou — começaram a despertar nela certos instintos de vaidade feminina que o nosso noivado — *weary of time*... conseguira adormecer. A côr original das luvas chamou a atenção dos homens para a sua expressão morena, os seus olhos vivos até ai afastados de qual-

VINHOS DO PÔRTO COCKBURN



(Tipo Vintage)

COCKBURN SMITHES & CO. LTD.

VILA NOVA DE GAIA

Para mais esclarecimentos sobre outros tipos de vinhos dirigir-se aos agentes:

Matos, Melo & C.^a L.^{da} Rua do Breiner, 64, Telefone 707

PORTO

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete NYASSA. Sairá no dia 31 de Dezembro pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOME, POINTE NOIRE, SAZAIRE, LOANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES, CAPE TOWN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

IMPORTANTE: A carga será recebida até às 20 horas do dia 27 e depois desta data até às 18 horas com o aumento de 20%.

Para esclarecimentos e mais informações:

Séde: Rua do Comércio, 85 — telef. 23 021 [6 linhas]
LISBOA

Sucursal: Rua Infante D. Henrique 73 r/c. — Tel. 1 434
PORTO



SUAVE MAS FIRME

Assim é a acção do LAXOBAC, o novo laxante. Muito recomendável nos casos de prisão de ventre obstinada e nos de evacuações irregulares. Quem não pode tomar purgantes, encontra no "Laxobac" um remédio agradável, sabendo apenas a ótimo chocolate.

"Laxobac" acaba com a prisão de ventre e é ideal tanto para os adultos como para as crianças.

LAXOBAC

Em tôdas as farmácias a Escudos 5\$00 e 12\$00 cada caixinha. Lembre-se do nome.

MAL DISPOSTO depois de uma boa refeição?



Uma boa refeição deveria dispôr bem. Ao contrário, sente-se pesado, mal disposto. Da mesma forma, uma noite de 8 ou 10 horas de sono, em vez de repousar, deixa-o triste, fatigado. Tem dores de cabeça, de rins.

Há qualquer coisa que não está certa, a prisão de ventre, com certeza. Os seus intestinos funcionam com a regularidade de um relógio? Não importa. Não basta que as suas funções intestinais se exerçam com regularidade. É preciso que elimine completamente. Caso contrário, há venenos que se acumulam no sangue e produzem um mal-estar geral. Uma forma excelente de assegurar eliminações perfeitas, consiste em tomar, todos os dias, logo ao acordar, uma "pitada" de Sais Kruschen. Esta "pequena dose" contém precisamente os sais minerais que são necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optímadamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen: vende-se em tôdas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

CRÓNICA ALEGRE

A herança do meu tio rico

TIVE uma vez um tio que cançado desta vida resolveu, aqui há tempos, trocá-la, ao que se diz, por uma outra incomparavelmente melhor. E assim, uma bela tarde, lá partiu consoladamente empacotado ao comprido. Sabedor de que para se entrar no céu basta, apenas, levar um lote de boas acções praticadas em vida, o meu tio, que as tinha e de boa qualidade, não levou nada do que lhe pertencia e, assim, ficou logo resolvido que o que éle por cá deixou eram bens e a família era herdeira. Eu, confesso, não me desagradou a situação. Já tenho sido tanta coisa na vida que mais esta de herdeiro até tinha graça.

Comecei as minhas novas funções de herdeiro por assinar uns papeis, ir várias vezes ao procurador e assistir a reuniões de família. Mas a respeito de bens... Adeante. Os tais bens foram-se convertendo em dinheiro e a entrada na posse do que me cabia estava, por assim dizer, por pouco. Entre os amigos fiz constar que ia receber qualquer coisa dum parente, porque isto, não parecendo, dá uma certa categoria e somos logo olhados como herdeiros de pessoa rica. E para provar que isto é a expansão da verdade, basta dizer que houve amigos que, por sua vez, também me deram a perceber que se eu precisasse de algum emprestado, que estavam por ali. Era só questão de combinar a quantia, o prazo e os juros, que nunca iriam além do que eu tinha a receber.

O tempo, porém, foi correndo sem que eu visse a côr aos bens, até que, há dias, o carteiro da minha área entregou-me um papel proveniente duma secção de Finanças em que me convidavam a visitá-la, a fim-de tomar conhecimento da liquidação da herança.

Contente como um rato, — porque hei-de estar a negar? — lá fui deabalada até à tal Secção de Finanças. Pela primeira vez me pareceu que o

«eléctrico» andava de vagar. Mas, enfim, lá cheguei. A correr, não fôsse a repartição fechar um bocadinho antes, entrei e aproximei-me dum «guichet» e exibi, triunfante, o papelucho. O empregado, miope por tal sinal e com uns óculos já sem graduação certa, porque leu com dificuldade, soletrou o papel e ao cabo duma demora que me pareceu eterna, pois deu-me tempo de roer duas unhas, disse que não era ali mas no primeiro andar. Subi os degraus para aí a seis e seis, e cheguei lá ofegante. Não podia falar e apenas consegui mostrar o papelucho a um funcionário. O meu peito arfava mais do que o de uma donzela a quem o noivo rouba o primeiro beijo. Para encurtar razões e espaço fui, finalmente, introduzido deante do funcionário, superior por tal sinal, que ia tratar do caso. Acolheu-me com o melhor dos seus sorrisos — pudera! eu sou herdeiro, — e depois de me perguntar, com afabilidade inculgar, o meu nome, foi buscar o processo. Exibiu-me farta papelada; certidões — e eu impaciente; atestados — e eu a ferver; públicas formas — e eu a escaldar; até que me apresentou um enormíssimo mapa cheio de números em forma de contos de reis. Era o que os herdeiros tinham a receber. Era tanto! Timidamente, estendi a mão, pronto a recolher o que me pertencia, quando o solícito funcionário superior, com um sorriso ainda melhor que o primeiro, me disse textualmente:

— Mandeí cá vir V. Ex.^a assim como os outros herdeiros para lhes comunicar que tem que pagar «tanto» de direitos de transmissão.

Eu não vi, mas mudei de côr com tôda a certeza. A médo, no entanto, lá fui dizendo: — Perdão, eu não vim cá para pagar, vim para receber a herança do meu chorado tio.

— Muito bem — atacou o funcionário — mas V. Ex.^a para receber depois tem que pagar primeiro.

— Bom — tornei eu — mas eu não podia receber já e V. Ex.^a descontava-me aí o que eu tenho a pagar, que eu não desconfio.

— Não pode ser — disse ele — porque V. Ex.^a não recebe. V. Ex.^a paga e isto tem que ser rápido.

— Mas nesse caso — retorqui eu — pago os direitos rapidamente e quando recebo a herança? Não é lá porque ela me faça muita falta — ainda disse eu a armar em valente — mas é porque gostava de ter uma recordação de meu tio.

É o empregado superior com um sorriso ainda melhor que os anteriores (O ladrão tem vários sorrisos e perfeitamente adaptados às circunstâncias):

— Aqui só sabemos quando se paga, mas quando recebe isso é que já não é da nossa competência.

— Estou atrapalhado pois não me é fácil entrar já com essa quantia. Eu não sou rico, o meu tio é que era...

— Pois tem que pagar, se não sofre as penalidades da lei. O funcionário superior ao dizer isto já não exibiu sorriso de qualidade nenhuma e deu-me a perceber que já estava até a ser de mais. Retirei-me e, confesso, desapontado. Onde hei-de eu arranjar aquela massa toda para pagar uma coisa que eu não sei ainda quando recebo? E o peor é que tenho que pagar... Mas o peor não é isso. O peor é que há ainda mais três tios e, todos eles muito bem encaminhados na vida e já em mau estado de conservação. Tenho andado a pedir a todos os santos da côrte do céu para que eles sejam vivos ainda por muitos anos e bons. Sim, porque se eles morrem todos ao mesmo tempo e eu herdeiro, fico na miséria. Só para os direitos de transmissão é um dinheiro e eu tenho que andar a pedir esmola...

Marçal Saldanha

UM PAR DE LUVAS

quer traço de maior coquetterie. Sentiu-se novamente "en beauté" e lembrou-se dos tempos não muito recuados em que fazia sucesso entre os meninos cinéfilos e desportivos...

José Pedro tomou, de repente, um ar mordaz e confiou-me, num sorriso:

— Nem sei se houve qualquer comparação instintiva comigo. O que sei é que as luvas róxas começaram a sua obra. Lembraram-lhe que era um disparte prender-se, sugentear-se à fidelidade sentimental que as circunstâncias impunham. Chegou mesmo a afirmar à tal amiga, que queria voltar a "viver a vida", que queria ser outra vez livre, esquecendo-se que as mulheres são os únicos seres para os quais a liberdade não é absolutamente necessária. Ou não achas que, regra geral, o primeiro movimento duma mulher, quando gosta, é pren-

der-se, e, portanto, perder a sua liberdade?

Não resisti a responder, ironicamente:

— Se as coisas são assim, como contas, é evidente que essa pequena gostava imenso de ti...

— E' claro que não gostava. Mas só deu por isso — só demos por isso — quando aquelas luvas róxas começaram a chamar a atenção dos outros homens para ela. Cada amabilidade que lhe diziam — deliciava-a. Cada olhar mais demorado — era uma revelação de mundos novos, ou de mundos esquecidos, a lisongear a sua imensa vaidade. Ainda lhe fiz ver a transformação que sofrera. Mostrei-lhe em palavras sérias o mau caminho que seguia — se passasse a fazer depender a sua vida e os seus sentimentos das primeiras reacções da sua "coquetterie". Mas não me quiz ouvir. As luvas róxas tinham-lhe feito apeteecer a perda independência. E afastámo-nos um do outro, para sempre.



ATENÇÃO

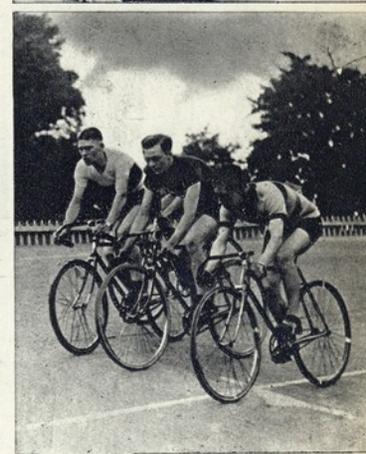
Amadores Fotográficos!

O VOSSO CONCURSO



O "MUNDO GRÁFICO", revista de actualidades nacionais e internacionais, no intuito de concorrer para o desenvolvimento da fotografia artística em Portugal, que tão altas manifestações de beleza está revelando, inicia hoje um valioso concurso entre os não profissionais de todo o país. O formato da nossa revista e a sua magnífica impressão permitem dar a todos os clichés, não, apenas, uma reprodução quasi perfeita, mas ainda publicá-las com amplitude. Aceitamos todas as fotografias que digam respeito à vida, costumes, fainas do mar e do campo, e monumentos, tipos, expressões de arte — quer rurais, quer cidadinas.

Devemos, no entanto, dizer que, dentro do carácter do "Mundo Gráfico", serão acolhidas com verdadeiro entusiasmo, tendo, portanto, a primasia, todas as fotografias que foquem aspectos citadinos e nelas, o pormenor humano, o caso curioso, o flagrante da rua. Como os acontecimentos se revestem de vários aspectos, o concorrente pode enviar-nos mais duma fotografia sobre o mesmo assunto, (não mais de três) sempre que se lhe depare interesse, ou a actualidade do acontecimento o justifique.



EIS AS BASES DO CONCURSO FOTOGRÁFICO DO "MUNDO GRÁFICO":

Todos os clichés que revelem qualidades artísticas ou tenham interesse de documentação, serão publicados imediatamente com o nome, ou pseudónimo do seu autor.

O concurso, que começou em 30 de Novembro, encerra-se em 29 Fevereiro de 1941.

No dia 1 de Março do mesmo ano, um júri competente, seleccionará as três melhores fotos, a que serão atribuídos os seguintes prémios:

- 1.º prémio 500\$00
- 2.º prémio 250\$00
- 3.º prémio: uma assinatura anual de "Mundo Gráfico",

CONCORRA HOJE MESMO!

ENVIE-NOS OS SEUS CLICHÉS!

INVENÇÃO! AUDÁCIA! ORIGINALIDADE! FLAGRANCIA!

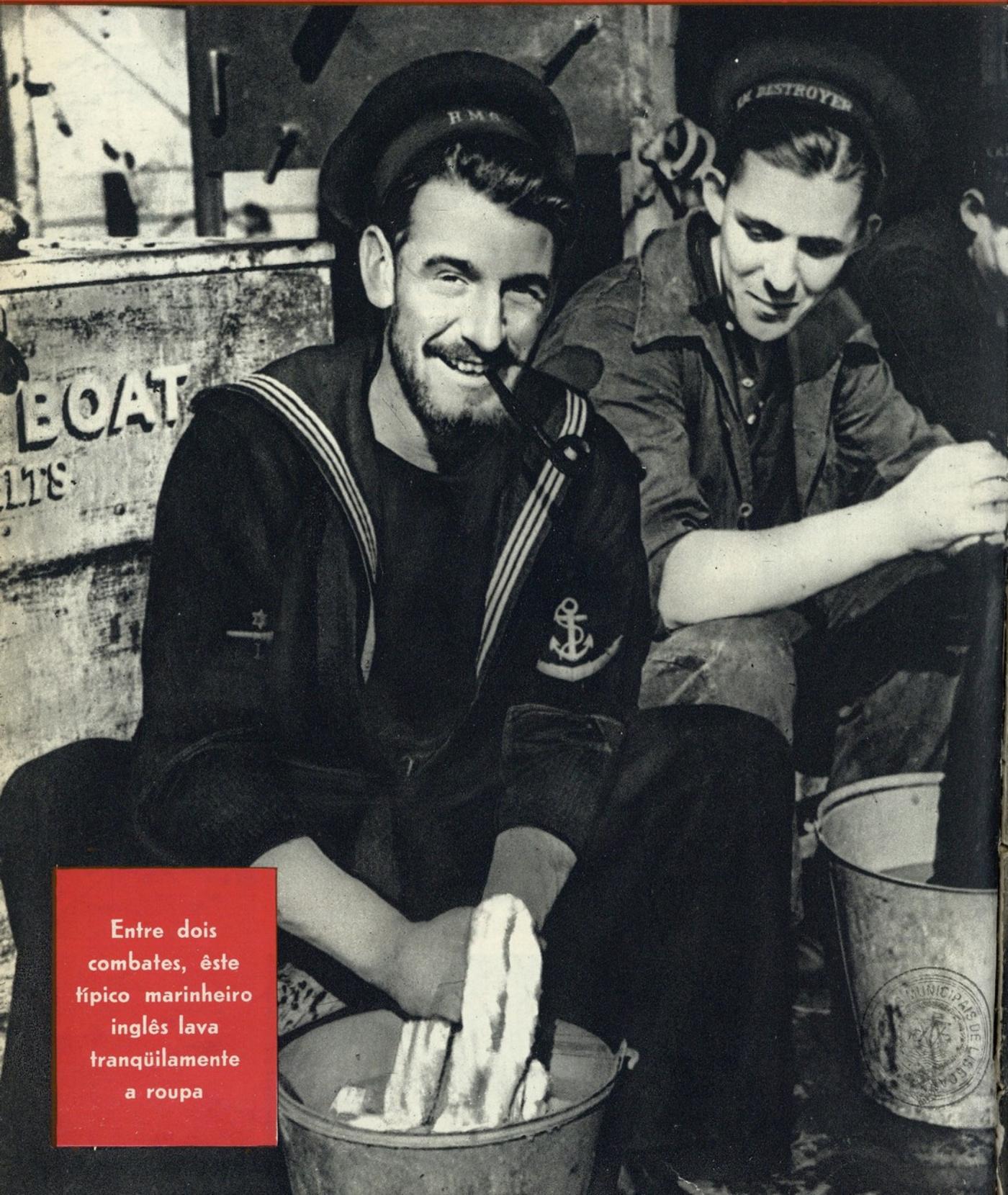
Todos os assuntos.

Um assunto

Figuras e Factos



MUNDO GRÁFICO



Entre dois combates, este típico marinheiro inglês lava tranquilamente a roupa